



**BRASÍLIAS POSSÍVEIS:**  
UMA LEITURA POÉTICA DA CIDADE

Paula Macedo  
09/14185

Relatório apresentado ao Departamento  
de Desenho Industrial da Universidade de  
Brasília como trabalho realizado ao longo  
da Diplomação em Programação Visual,  
orientado pelo Prof. Dr. Rogério Camara.

Julho de 2013

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a pessoas essenciais para o desenvolvimento desse projeto:

À minha família – pai, mãe e Tiago, por tudo que sou e por serem lar pra mim.

Agradeço ao Rogério, por orientar o caminho até aqui, pela serenidade e paciência, pelos ensinamentos e inspirações e por sempre acreditar neste projeto. Obrigada por topar o desafio de descobrir Brasília possíveis. Obrigada, mesmo!

Às professoras Nayara e Roberta, pelo despertar do olhar para a cidade e pela disponibilidade em fazerem parte da banca avaliadora.

Aos amigos do curso e da vida, que fizeram parte da minha trajetória até aqui. Em especial, ao Filipe, por todo o apoio, incentivo e companheirismo ao longo do desenvolvimento deste projeto. À Ju e ao George, pela troca de ideias e pelo tempo dedicado.

Obrigada às amigas Isa e Ana, por compartilharem comigo experiências aqui em bsb e se envolverem neste projeto.

**brasília da paula**

***se Brasília fosse uma pessoa...***

...seria uma mulher, já com seus 40 anos. Teria pele branca, cabelos lisos e pretos, na altura dos ombros, repartidos meticulosamente ao meio. Teria estatura média e seria esguia. Seria uma pessoa cheia de poréns: gosta de tomar café, mas sem açúcar. Gosta de dias frios, mas com sol. Gosta de usar batom vermelho, mas só à noite. Trabalharia para a prefeitura e não detestaria isso, apesar de já ter sonhado em viver de arte. Nas horas vagas, gosta de passear pela cidade onde mora, que não é muito grande. Enquanto faz seus passeios, reconhece alguns rostos familiares, provavelmente porque já foram resolver algum pepino na prefeitura. Ou talvez só porque andem frequentemente por ali, assim como ela.

*Paula tem 23 anos e é estudante de Design (e Direito). Nasceu e mora em Brasília.*

## RESUMO

**Brasílias possíveis** propõe contrapor as relações entre a cidade imaginada pelo arquiteto e a cidade que existe no imaginário das pessoas, convidando-as a uma reflexão sobre o espaço. O objeto de estudo partiu de uma inquietação sobre a relação das pessoas com o espaço público urbano e culmina em uma leitura poética da cidade, a partir de leituras subjetivas individualizadas de Brasília, em que se relacionam palavra, visualidade e espaço urbano. O projeto se materializa em produções textuais que são entregues posteriormente à cidade, por meio de intervenções urbanas. Este relatório descreve o processo de desenvolvimento do trabalho, realizado para Diplomação em Programação Visual no curso de Desenho Industrial da Universidade de Brasília. O projeto é composto por uma revisão teórica acerca de temas relativos à ocupação do espaço urbano, modernismo e Brasília, seguido de uma análise de linguagens que se mostraram coerentes com este trabalho. Por fim, a proposta final do projeto é apresentada, com uma descrição do que foi realizado.

### PALAVRAS-CHAVE:

Design. Brasília. Cidade. Poética. Intervenção urbana.



## ABSTRACT

**Brasílias possíveis** aims to contrast the city imagined by the architect and the city as it is perceived by the people, inviting the audience to think about their relation with the city. This study started as an unrest about the interaction of people with the public urban space and culminated in a poetic reading of Brasília, in which words, visualization and urban space intertwine in individualized subjective readings of the city. The project materializes in textual productions which are later delivered to the city, through urban interventions. This report describes the project's development process, in partial fulfillment of the requirements for the Bachelor's degree in Graphic Design at the University of Brasília. It is composed by a review of the themes related to the occupation of urban spaces, modernism and Brasília, followed by an analysis of the different media employed by projects coherent with the proposal. Finally, a detailed description of *brasília possíveis* is presented, along with an outline of the works developed in the context of this project.

### KEY WORDS:

Design. Brasília. City. Poetic. Urban intervention.

# ÍNDICE

## 1 INTRODUÇÃO 09

1.1 Contextualização 09

1.2 Objetivos 10

1.3 Metodologia 10

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO 11

2.1 *Projects for Public Spaces e Placemaking* 11

2.2 A Construção de Brasília 13

2.3 Críticas à cidade moderna 16

2.4 A Ocupação Espaços Urbanos 17

## 3 DEFINIÇÃO DO PROJETO 20

## 4 ANÁLISE DE LINGUAGENS 21

4.1 Grupo Poro 21

4.2 Brasília: Contradições de uma Cidade Nova 23

4.3 Candy Chang 24

4.4 Coletivo Transverso 26

4.5 Futuro do Pretérito 27

4.6 Keri Smith 29

4.7 Nicolas Behr 30

4.8 NeSpoon 31

4.9 Clarice Lispector 32

4.10 Paulo Leminski 33

## 5 PROPOSTAS 35

5.1 Aqui em BSB 35

5.2 Produção Textual 36

5.3 Composições Urbanas 41

## 6 PROPOSTA FINAL 42

6.1 Panfleto 45

6.2 Adesivo e Estêncil 46

6.3 Urna 46

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 48

## BIBLIOGRAFIA 49

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 — Princípios do *placemaking* para transformar o espaço em um bom lugar. 11
- Figura 2 — Benefícios dos resultados do *placemaking*. 11
- Figura 3 — Esboços de Lúcio Costa do Plano Piloto. 12
- Figura 4 — As escalas de Brasília. 14
- Figura 5 — Matriz de análise de ocupação do espaço público, do filme *The Social Life of Small Urban Spaces*. 16
- Figura 6 — Imagens do filme *The Social Life of Small Urban Spaces*. 17
- Figura 7 — Azulejos de papel em Belo Horizonte. 20
- Figura 8 — Fora do Grid. Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]** 21
- Figura 9 — Outros setores para Brasília. Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]** 21
- Figura 10 — Paisagens escritas. Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]** 21
- Figura 11 — Olhe para o céu. 22
- Figura 12 — Imagens do filme **Brasília: Contradições de uma Cidade Nova** 22
- Figura 13 — Imagens do filme **Brasília: Contradições de uma Cidade Nova** 23
- Figura 14 — *Before I die...* 24
- Figura 15 — Detalhe do muro *Before I die...* 24
- Figura 16 — *I wish this was...* 25
- Figura 17 — *Confessions* 25
- Figura 18 — Intervenções urbanas do Coletivo Transverso 26
- Figura 19 — Intervenções urbanas do Coletivo Transverso sobre Brasília 26
- Figura 20 — Imagem do vídeo **Futuro do Pretérito** [plano piloto] 27
- Figura 21 — Imagem do vídeo **Futuro do Pretérito** [cidades-satélite] 27
- Figura 22 — Imagem do livro *How to be an explorer of the world* 28
- Figura 23 — Imagem do livro *How to be an explorer of the world* 28
- Figura 24 — Imagem do livro *How to be an explorer of the world* 29
- Figura 25 — Poemas de Nicolas Behr e projeto gráfico de Felipe Cavalcante 29
- Figura 26 — NeSpoon: intervenções em cerâmica na cidade 30
- Figura 26 — NeSpoon: intervenções em estêncil na cidade 31
- Figura 27 — Coleção #01 aqui em bsb: catedral metropolitana 34
- Figura 28 — Coleção #01 aqui em bsb: dois candangos e congresso nacional 34
- Figura 29 — Ruas vazias em um sábado (W5 sul, na altura da 706/906 sul) 36
- Figura 30 — Ruas vazias em um sábado (comercial da 205/206 norte) 36
- Figura 31 — Brasília *for dummies* 36
- Figura 32 — Placa de sinalização da EQS 708/907 36
- Figura 33 — Jardim de Infância 21 de Abril 37
- Figura 34 — Praça 21 de Abril 37
- Figura 35 — Totem Feira do Sabor 37

Figura 36 — Praça 21 de Abril	38
Figura 38 — Pichação “Paula?”	38
Figura 37 — Praça 21 de Abril	38
Figura 39 — Pichação “Paula: a mulher certa na hora errada”	38
Figura 29 — <i>Flanêur</i> na extinta SPS	42
Figura 40 — Geração de alternativas do símbolo	45
Figura 41 — Tesourinha: pássaro	46
Figura 42 — Tesourinha de Brasília	46
Figura 43 — Segunda geração de alternativas	46
Figura 44 — Alternativa final	46
Figura 45 — Testes impressos de tipografia	48
Figura 46 — Panfletos: haicai	49
Figura 47 — Panfletos: prosa	49
Figura 48 — Aplicação do símbolo nos panfletos	50
Figura 49 — Mulher lendo o panfleto na fila de espera do ônibus	50
Figura 50 — Modelo das etiquetas	51
Figura 51 — Etiqueta de propaganda em lixeira na SQS 308	51
Figura 52 — Adesivo em orelhão	52
Figura 53 — Adesivo em banco	52
Figura 54 — Rodoviária de Brasília	52
Figura 55 — Formulário de respostas “se Brasília fosse uma pessoa...”	53
Figura 56 — Entrevistas na Rodoviária	53
Figura 57 — Entrevistas na Rodoviária	53
Figura 58 — Entrevistas na Rodoviária	54
Figura 59 — Entrevistas na Rodoviária	54

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização

As questões relativas ao urbano têm sido recorrentes na contemporaneidade, tendo em vista as novas concepções de bem estar que vêm sendo formadas nos últimos anos. Manzini (2008) afirma que conceito de bem estar é estabelecido por uma construção social que é concebida ao longo do tempo.

A ideia de bem estar baseado no acesso a bens de consumo foi criada na Revolução Industrial e ainda é difundida. Segundo essa linha de pensamento, o ser humano alcança bem estar na medida em que surgem produtos que reduzem o esforço e aumentam o tempo livre. No entanto, com mais tempo livre, houve uma difusão de bens remediadores, que vêm para preencher a sensação de vazio decorrente da incapacidade de aproveitar o tempo lento e contemplativo.

Manzini desconstrói essa ideia, argumentando que atualmente vive-se uma crise do bem estar baseado no produto, visto que essa perspectiva passa a ser questionável por ser contraditória com os princípios contemporâneos de sustentabilidade. O autor afirma que focar em serviços colaborativos e bens comuns de qualidade são possíveis alternativas. Nesse segundo contexto, intensifica-se a preocupação concernente a um maior uso do espaço público urbano pelas pessoas.

A partir desse cenário, questiona-se como se dá na atualidade a relação das pessoas com a cidade e qual é o papel do designer em pensar e articular essa relação. Em vista disso, foi necessário fazer um recorte do objeto de estudo, o qual foi escolhido por ser o lugar em que nasci e moro.

Brasília é peculiar em relação às demais desde seu início, pelo seu contexto e concepção. Ela foi planejada seguindo os preceitos modernistas, os quais eram centrados no bem-estar do indivíduo por meio do seu conforto pessoal e da sua vida em comunidade. Como alternativa de projeto urbano para cumprir esse objetivo, os modernistas defendiam a funcionalidade, por meio da setorização do espaço, que, “organizaria o caos” das cidades, facilitando a vida dos habitantes. Os espaços de convivência social eram transferidos para as grandes áreas verdes de respiro das cidades, que tinham também a função de fazer a transição do espaço privado para o público de forma natural.

No entanto, o que foi concebido no plano das ideias não tinha sido testado empiricamente até a construção de Brasília. 53 anos depois de sua inauguração, é possível observar e analisar o planejado pelo uso real e cotidiano da cidade. O fenômeno de apropriação da cidade pelos seus moradores é um dos grandes responsáveis por balancear os “erros de projeto”, deixando o espaço mais aprazível, conforme Lúcio Costa pretendia. O pensar sobre a cidade também é outro fator relevante neste balanceamento.

Busca-se pensar brasílias possíveis, por meio de interpretações individualizadas sobre Brasília, sob uma perspectiva poética. Assim, este trabalho justifica-se pelo estudo do

design do ponto de vista da relação das pessoas com o espaço, confrontando a relação de cidade imaginada com cidade imaginária e desdobrando em traduções textuais e visuais no espaço urbano.

## **1.2 Objetivos**

### **Objetivo Geral**

Conceber uma leitura poética de Brasília.

### **Objetivos Específicos**

- Compreender algumas leituras individualizadas dos habitantes de Brasília em confronto com o urbanismo generalizado;
- Compreender o contexto histórico do planejamento e construção de Brasília;
- Analisar a relação de cidade planejada e cidade real;
- Considerar as peculiaridades de Brasília como elemento diferencial do projeto;
- Realizar reflexões sobre a relação das pessoas com a cidade;
- Estabelecer uma relação entre palavra, visualidade e espaço urbano.

## **1.3 Metodologia**

O percurso consistiu em um estudo teórico sobre conceitos relacionados ao urbano, à Brasília, à relação entre as pessoas e o espaço público. Buscou-se, então, desenvolver textos que discutissem a relação das pessoas com a cidade. Para a produção textual, o processo de andar por Brasília foi importante. Em seguida, foi feita uma análise de linguagens a partir da seleção de trabalhos que abordavam a cidade do ponto de vista artístico, poético ou simbólico. A geração de alternativas iniciou-se a partir do pensamento de como se daria a inserção dos textos na cidade, observando-se os diversos fluxos e usos da cidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto teve origem com inquietações a respeito das relações das pessoas com o espaço urbano. Inicialmente, estudou-se o conceito de *placemaking* e aspectos objetivos e subjetivos sobre ocupação do espaço público. Para delimitar o objeto, o projeto foi contextualizado em Brasília, por ser a cidade em que nasci e moro. Dessa forma, foi necessário entender o histórico do planejamento e construção da capital, assim como a escola modernista, que embasou conceitualmente o projeto do Plano Piloto.

### 2.1 *Projects for Public Spaces e Placemaking*

A organização sem fins lucrativos *Projects for Public Spaces* (PPS) foi fundada em 1975 por Fred Kent, assistente do urbanista William H. Whyte. Ela foi criada para ampliar o trabalho de Whyte, por meio da realização de projetos que têm por objetivo criar e manter espaços públicos que fortalecem comunidades.

Com a ajuda de parcerias feitas com organizações públicas e privadas, além de entidades governamentais e da sociedade civil, a PPS desenvolve projetos de design urbano, planejamento e educação, por meio do *placemaking*.

De acordo com a organização, o conceito de *placemaking* está relacionado à transformação e à construção do espaço urbano, por meio da criação de espaços públicos voltados para o bem-estar da comunidade.

Para que o *placemaking* aconteça, o engajamento dos moradores é essencial a fim de que haja efetiva mudança dos espaços públicos em lugares convidativos. O processo consiste em observar, ouvir e questionar as pessoas que moram, trabalham ou ocupam um determinado local, a fim de construir uma visão comum para o espaço, tendo como base necessidades e anseios da comunidade. A partir desse objetivo, traça-se uma estratégia, com planos de ação.

Um dos *cases* de sucesso de implementação de *placemaking* aconteceu na cidade de Chicago, nos Estados Unidos. O Conselho de Planejamento Metropolitano de Chicago (*Metropolitan Planning Council* — MPC), em parceria com a PPS, partindo da premissa que são os habitantes que de fato usam e são o motivo para a existência de locais públicos, encorajou os moradores a serem mais ativos em realizar pequenos projetos de transformação do espaço. Para isso, desenvolveu um site que funciona como um guia de *placemaking* para que as pessoas façam seus próprios projetos em suas comunidades. O site possui informações como metodologia, modelos de planos de ação, concurso de ideias, ferramentas de avaliação de lugares, estudos de caso, dentre outros conteúdos que inspiram e ajudam a viabilizar a realização de novas iniciativas.

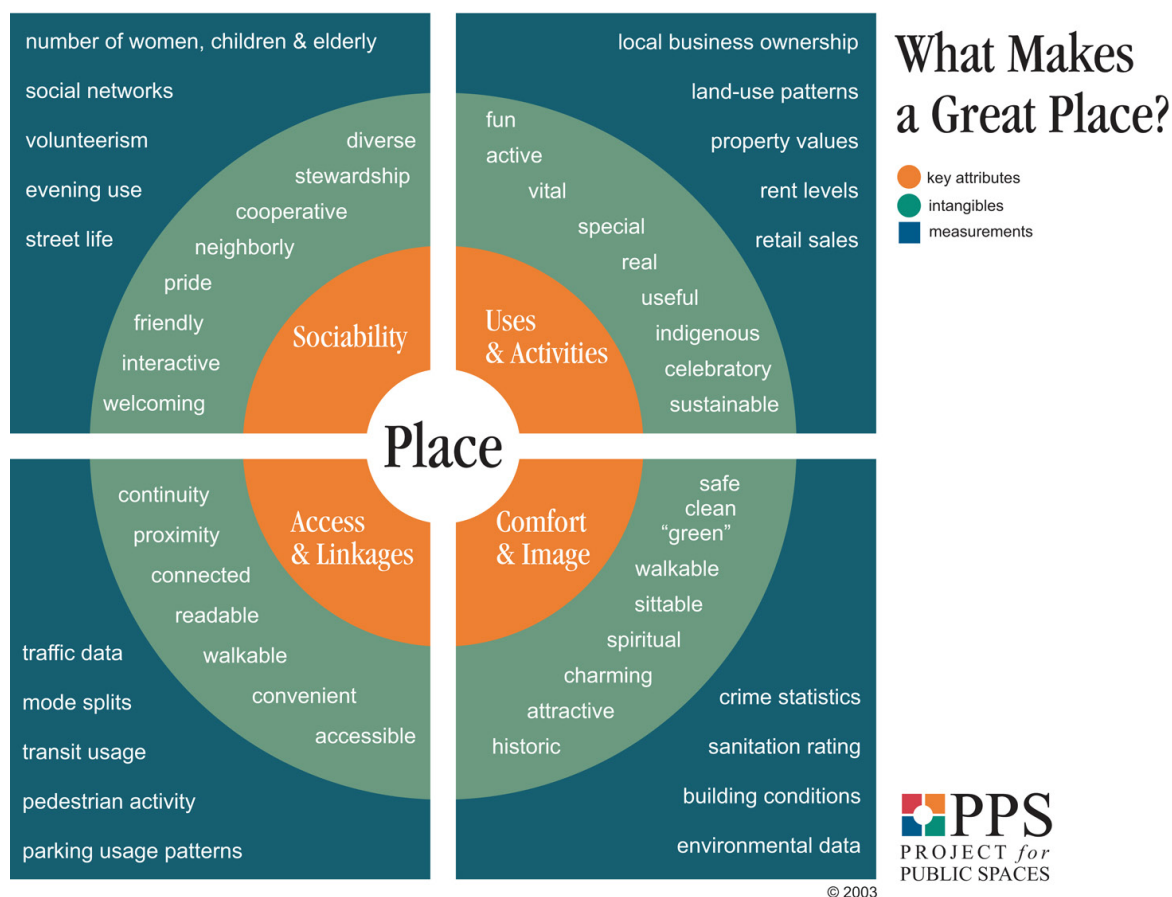


Figura 1 — Princípios do *placemaking* para transformar o espaço em um bom lugar. Fonte: Site PPS



## The Benefits Place

Figura 2 — Benefícios dos resultados do *placemaking*. Fonte: PPS



## 2.2 A Construção de Brasília

Brasília, patrimônio histórico e cultural da humanidade, tombada pela UNESCO, é considerada um museu a céu aberto, pelo grande arcabouço arquitetônico e artístico que possui. A cidade, pensada e concebida para ser a capital do Brasil, teve seu projeto urbanístico assinado por Lúcio Costa, com ideias claramente modernistas, conforme o Relatório do Plano Piloto — documento no qual detalha sua proposta:

“Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de UMA CIDADE MODERNA QUALQUER, não apenas como URBS, mas como CIVITAS, possuidora dos atributos inerentes a uma capital. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de UMA CERTA DIGNIDADE E NOBREZA DE INTENÇÃO, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir, ao conjunto projetado, o desejável caráter monumental. Monumental, não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa.

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país.” (Relatório do Plano Piloto)

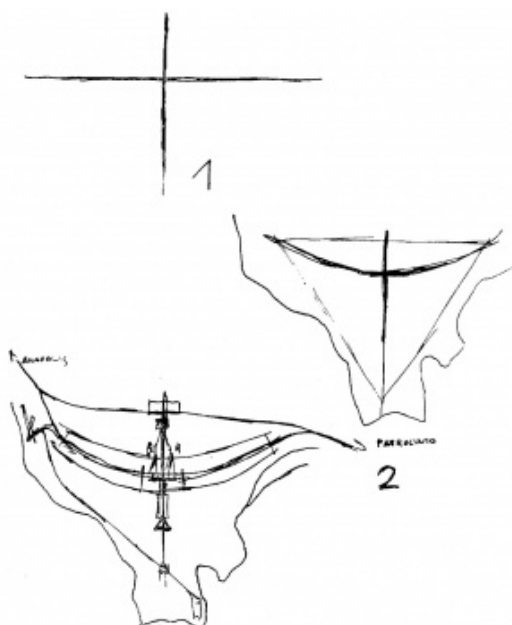


Figura 3 — Esboços de Lúcio Costa do Plano Piloto. Fonte: Relatório do Plano Piloto

Pelo discurso de Lúcio Costa, Brasília deveria ser uma cidade moderna além de um espaço territorial demarcado e construído — *Urbs*. A capital federal deveria ser construída para moradores, para a ocupação do espaço por cidadãos, pensada também do ponto de

vista social — *Civitas*. Esse conceito é muito forte no urbanismo moderno, que trata os conjuntos habitacionais como ponto de articulação, sendo eles elementos base para a formação da cidade.

O manifesto urbanístico Carta de Atenas, de 1933, foi resultado do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), com a redação final de Le Corbusier, e traçava as diretrizes para a Cidade Moderna:

“As chaves do urbanismo estão nas quatro funções: habitar, trabalhar, recrear-se (nas horas livres), circular”. **(Carta de Atenas, p. 30)**

De acordo com a Carta, a cidade deveria servir os cidadãos funcionalmente, de modo a otimizar a relação dos habitantes com o espaço. Assim, propagam-se as ideias de zoneamento e sistematização dos lugares com base nas três principais funções que a cidade deveria ter, a fim de concretizar os conceitos do manifesto:

“O zoneamento, levando em consideração as funções-chave — habitar, trabalhar, recrear-se — ordenará o território urbano. A circulação, esta quarta função, só deve ter um objetivo; estabelecer uma comunicação proveitosa entre as outras três.” **(Carta de Atenas, p. 31)**

Lúcio Costa, no Relatório do Plano Piloto, descreve funções da cidade moderna e relaciona de forma evidente o pensamento que ele tinha da futura Brasília com as recomendações da Carta de Atenas. Em 1974, durante o I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, promovido pelo Senado Federal, as funções eram tratadas como escalas (apesar de não constar assim no Relatório): residencial, gregária e monumental. Na ocasião, Lúcio Costa esclarece que, na verdade, são quatro as escalas: “Como os Três Mosqueteiros, as escalas de Brasília eram quatro: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica.”

Estudos posteriores de arquitetos como Ítalo Campofiorito e Mateus Gorovitz analisam as quatro escalas em função das quais o Plano Piloto foi concebido. A escala monumental é aquela que dá a Brasília seu caráter de capital federal, com suas construções arquitetônicas de sedes administrativas, concentradas no Eixo Monumental. A gregária foi concebida como espaço para congregar pessoas, seja pelo trabalho, seja pela diversão coletiva e está localizada nos quatro pontos de encontro entre os Eixos de Brasília, que compõem os Setores bancários, comerciais e de diversões. A escala bucólica são as vastas áreas verdes da cidade em meio aos espaços construídos, tal qual os preceitos de Cidade-jardim<sup>01</sup>. A escala residencial, por fim, foi concebida para oferecer uma nova forma de habitação aos moradores do Plano Piloto. Trata-se das Unidades de Vizinhança, autônomas e simultaneamente encadeadas entre si.

01 O conceito de Cidade-jardim é idealizado por Ebenezer Howard no final do século XIX, que consistia em cidades cercadas por um cinturão verde, aproveitando os pontos positivos do urbano e do rural, já que, segundo ele, cidade e campo eram dois ímãs que se somariam para atrair pessoas.

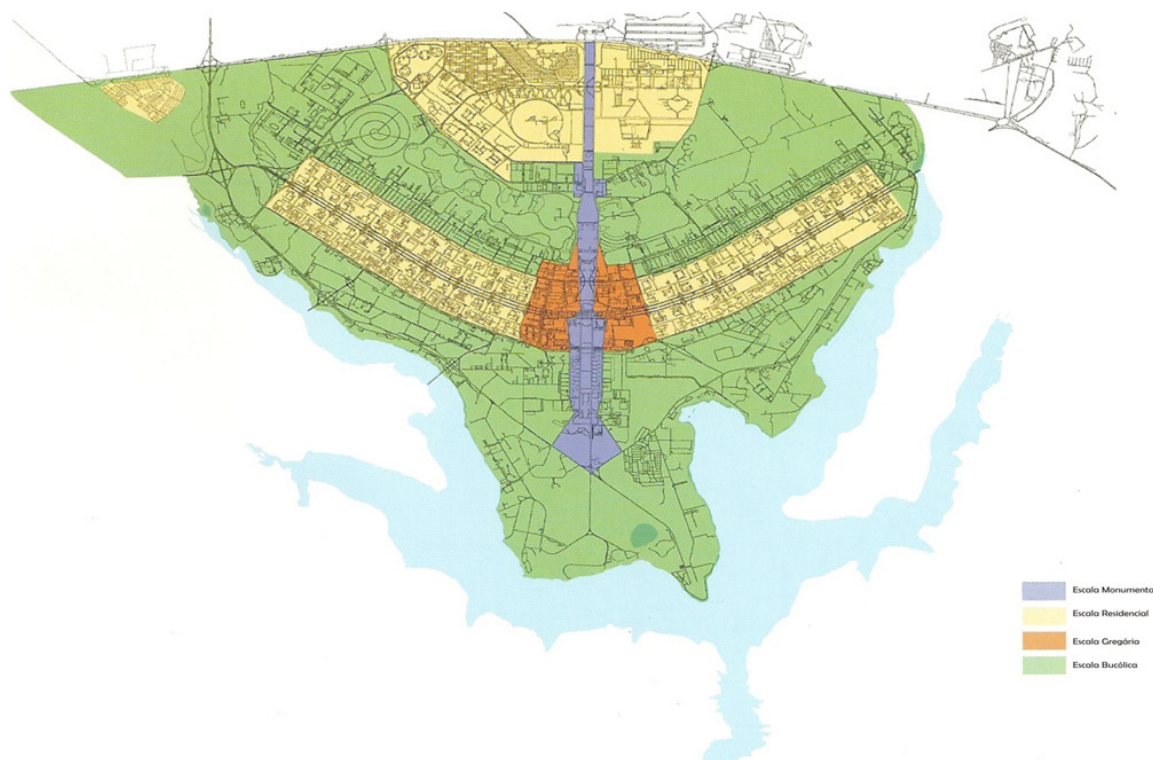


Figura 4 — As escalas de Brasília

Brasília era “a capital da esperança” e esse título carregava altas expectativas e uma promessa de melhorar a situação socioeconômica do Brasil e dos brasileiros. Algum tempo depois de sua inauguração, constatando que pouco havia mudado em decorrência da transferência da capital e que era utópico tudo o que se esperava da cidade, Lúcio Costa diz:

“Mas é natural que Brasília tenha os seus problemas, que são em verdade as contradições e os problemas do próprio país ainda em vias de desenvolvimento não integrado, onde a tradição recente de uma economia agrária escravagista e uma industrialização tardia não planejada deixaram a marca tenaz do pauperismo. A simples mudança da capital não poderia resolver estas contradições fundamentais, tanto mais que poderosos interesses adquiridos beneficiam-se desse status quo de ‘anomalia crônica’ que, na periferia da cidade, já readquiriu seus direitos.” (Lúcio Costa, 1967. p. 301)

Após sua construção, Lúcio Costa manteve-se fora da capital pelos anos que se seguiram de ditadura militar. Em 1984, tem um reencontro com a cidade e em 1987 publica “Brasília Revisitada”, relatório que avaliava a situação atual do local. Sua fala sobre a Rodoviária demonstra sua satisfação em ver que a cidade tinha tomado seus rumos próprios, pela apropriação de quem vivia aqui, e não necessariamente os definidos pelo projeto do Plano Piloto:

“Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram

esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. É o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído.” (Lúcio Costa, 1984, p. 311)

Lúcio Costa mostra pelo seu discurso que Brasília, apesar de suas peculiaridades formais e conceituais, é uma cidade como outras: com acertos e erros, passível de mudanças, espaço de apropriação pelo uso, conforme anseio e ação de seus habitantes.

### 2.3 Críticas à cidade moderna

Em resposta aos conceitos difundidos pelo movimento modernista na esfera do urbanismo, surgiu uma corrente contrária difundida pela jornalista Jane Jacobs (1961) em sua obra “Morte e vida das grandes cidades”<sup>02</sup>. Apesar de escrever sobre as grandes cidades americanas, o conteúdo se aplica a outras cidades, sobretudo Brasília. O livro é contemporâneo à construção da nova capital, que foi idealizada em fundamentos de planejamento urbano que Jacobs atacava.

Jacobs centra suas críticas em um dos princípios básicos da Carta de Atenas, que defende a setorização do espaço, organizando a cidade segundo funções. A autora afirma que isso deixa os “espaços urbanos fisicamente limpos e ordenados, mas social e espiritualmente mortos”, prejudicando a vitalidade urbana. A cidade dividida em setores inviabiliza a ocupação de certos espaços em determinados horários, causando grandes vazios gerando pela ausência de pessoas. Para Jacobs, ruas prósperas são aquelas que as pessoas aparecem em horários diversificados e, ilustrativamente, cita o balé da Rua Hudson — uma permanente movimentação protagonizada pelos moradores e passantes — dividido em atos, conforme o período do dia:

“O trecho da Rua Hudson onde moro é todo dia cenário de um complexo balé de calçada. Eu mesma entro em cena pouco depois das oito, quando coloco do lado de fora a lata de lixo. (...) Quando volto para casa depois do trabalho, o balé está chegando ao auge. (...) É a hora em que vai passar todo o mundo que a gente conhece da vizinhança da Rua Hudson. (...) Fiz o balé diário da Rua Hudson parecer mais frenético do que é porque, ao escrever sobre ele, as cenas ficam mais compactadas. Na vida real não é assim. Na vida real, com certeza, há sempre alguma coisa acontecendo, o balé não tem intervalo, mas a sensação geral é serena, e a cadência geral, bem mais

<sup>02</sup> O nome original do livro é “The Death and Life of Great American Cities” (Morte e vida das grandes cidades americanas).

pausada.” (Jane Jacobs, p. 53 a 55)

A autora critica também o posicionamento acerca do papel das ruas para escola modernista, que as considerava um elemento propício para carros e maléfico para pedestres, transferindo os espaços de convivência para parques e lugares com espaços verdes. Jacobs, no entanto, afirma que isso gera um espaço de exclusão, por reduzir o fluxo de pessoas. O uso da rua está relacionado à circulação de pessoas e ao convívio na esfera pública, que é saudável para a vida em sociedade.

Um ponto importante sobre o discurso de Jacobs é que as críticas que tece não se baseiam em argumentos técnicos urbanísticos, mas sim na observação e na vivência cotidiana da cidade, que, segundo a autora, é a única maneira de saber se o planejamento viabiliza a vitalidade do lugar.

Observa-se que os pontos apresentados por Jacobs são fatos em Brasília: uma cidade para carros, com grandes vazios, que desprivilegia o pedestre. No entanto, como um processo orgânico de vitalização da cidade, têm-se observado manifestações que visam contrapor ou questionar esse cenário, na busca da construção de uma nova Brasília.

## 2.4 A Ocupação Espaços Urbanos

O urbanista William H. Whyte iniciou, no final da década de 60, um estudo sobre o comportamento das pessoas nos espaços urbanos. O *Street Life Project* tinha por objetivo analisar a dinâmica da cidade, a partir da observação direta.

O projeto se desdobrou em filmes e livros, dentre eles, o documentário *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980), um estudo sobre praças de Nova York, cujo objeto de análise eram os elementos que interferem na ocupação do espaço público. Whyte faz uma leitura objetiva da cidade, mapeando os lugares onde há maior e menos presença de pessoas. Em seguida, relaciona a ocupação desses espaços com sete elementos influenciadores: locais para sentar, água, sol, comida, árvores, rua e triangulação — que é um terceiro elemento (por exemplo, um artista de rua ou uma intervenção urbana) que conecta pessoas.

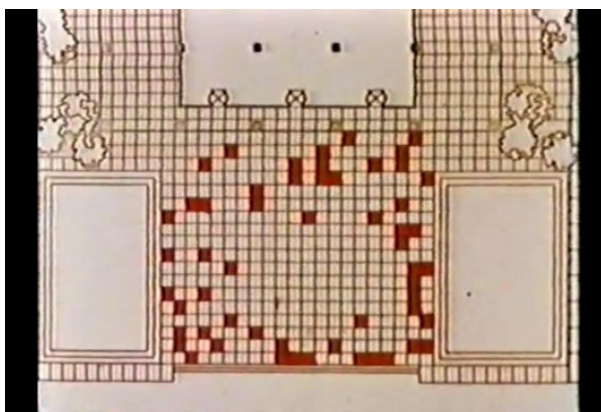


Figura 5 — Matriz de análise de ocupação do espaço público, do filme *The Social Life of Small Urban Spaces*.

Para Whyte, a vida social nos espaços públicos contribui para o bem estar dos indivíduos e é importante se preocupar com a transformação desses locais para que sejam agradavelmente habitáveis.



Figura 6 — Imagens do filme *The Social Life of Small Urban Spaces*.

No contexto de Brasília, o arquiteto e urbanista Francisco Ricardo Costa Pinto (2011) pesquisou sobre a apropriação dos espaços públicos nas áreas residenciais de Brasília, especificamente as superquadras do Plano Piloto. A pesquisa buscou refletir sobre os significados atribuídos a esses locais baseados na vivência e no uso cotidiano por parte dos moradores.

O arquiteto centra seu estudo na análise de como a superquadra é vivida de fato por seus habitantes, como forma de dar ao local identidade e cultura, ao invés de voltar o olhar para o projeto e idealização da cidade.

A dissertação de Francisco Pinto foi uma inspiração para a perspectiva adotada no presente projeto. Notadamente influenciado pelo poeta e filósofo Gaston Bachelard, que desenvolve argumentos em torno da importância da poética para a busca dos significados dos espaços, o arquiteto se utiliza por diversas vezes do lirismo para construir seu texto.

O autor sustenta em suas considerações finais acerca do seu trabalho:

“A cidade é sim um monumento, um museu a céu aberto, uma cidade que parece intocável, porém, desde o início, suspeitava-se que por trás de toda a formalidade, de toda a monumentalidade existia outra Brasília ou, quem sabe, outras Brasília.”  
(Francisco Ricardo Costa Pinto, p. 263)

Assim, a conclusão da sua pesquisa aponta para “a existência de cidades, de outras ‘menores Brasília’ dentro de uma ‘Brasília maior’.” Ele se refere às Unidades de Vizinhaça, que formam pequenas comunidades dentro de um conjunto maior, que é o Plano Piloto. Contudo, uma interpretação extensiva e literária permite inferir que podem existir brasílias que são fruto de leituras subjetivas individualizadas, sendo essa questão o despertar deste projeto.

Ambos os autores, Whyte e Pinto, estudaram a ocupação dos espaços públicos ur-

banos, do ponto de vista técnico da arquitetura e do urbanismo. No entanto, o primeiro apresenta uma abordagem de investigação mais cartesiana, objetiva e analítica, enquanto o segundo adota uma visão mais pessoal, subjetivo e humanista.

### 3 DEFINIÇÃO DO PROJETO

A partir do referencial teórico foi possível delimitar o objeto do projeto, com os pontos de interseção entre os conceitos estudados. A relação das pessoas com Brasília é uma questão que muitas vezes se limita a uma postura de indiferença ou de criticidade (positiva ou negativa), que se dá pelas condições formais as quais a cidade possui.

No entanto, a reflexão pode ser feita em um campo mais subjetivo e introspectivo. A cidade, mais do que lugar, tem alma e capacidade de sensibilizar. A relação pessoa-espço é recíproca, no sentido de que um interfere diretamente na vivência e personalidade do outro.

Pretende-se, portanto, desenvolver reflexões autorais sobre as diferentes dimensões de Brasília e que tenham potencial para despertar outras pessoas a pensarem sobre e questionarem suas próprias relações com a cidade. Trata-se de um convite a descobrir brasílias possíveis, que habitam o imaginário ou o cotidiano. Não é sobre o erro ou o acerto da cidade, mas sobre as consequências sensoriais que as particularidades de Brasília despertam.

Dessa forma, a proposta do projeto é fazer uma leitura poética de Brasília, usando a palavra, a linguagem gráfica e a poética e sua inserção no espaço urbano como forma de leitura e tradução da cidade. Isso foi realizado a partir de composições de texto com espaço, por meio de intervenções urbanas. Os textos foram escritos de forma a tentar distanciar-se de uma visão crítica, focando nas peculiaridades da cidade, por meio de uma análise objetiva da cidade, e apresentando pontos de vista pessoais (meu e de outras pessoas) da relação com Brasília.



## 4 ANÁLISE DE LINGUAGENS

Com objeto definido, passou-se para uma análise de linguagens de trabalhos que apresentam uma reflexão sobre o espaço, considerando aspectos de conteúdo, forma e intenção do autor. Essa etapa contribuiu para definir requisitos de projeto a partir da observação de elementos que poderiam ser agregados à solução final.

### 4.1 Grupo Poro

O Poro é formado por dois artistas que realizam intervenções urbanas e ações efêmeras, a fim de levantar questões sobre os problemas das cidades por meio de uma sensibilização dos espaços urbanos. Segundo o grupo, a proposta é “apontar sutilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos, estabelecer discussões sobre os problemas das cidades, refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços ‘institucionais’, lançar mão de meios de comunicação popular para realizar trabalhos, reivindicar a cidade como espaço para a arte.”<sup>03</sup>

O grupo tem alguns trabalhos emblemáticos que demonstram afinidade com a proposta deste projeto, pela abordagem poética e estrutural utilizada. Um deles é o **Azulejos de papel**, que consistiu em uma intervenção instalada em muros de locais abandonados. As imagens de azulejos eram impressas em papel jornal e coladas com a técnica de lambe-lambe, como forma de ressignificação do preenchimento. Assim como as paredes que serviram de suporte, o papel sofre ação do tempo e é incorporado à construção, sendo a intervenção parte integrada da cidade.



Figura 7 — Azulejos de papel em Belo Horizonte. Foto: Poro, 2009.

03 <[www.poro.redezero.org/apresentacao](http://www.poro.redezero.org/apresentacao)> Acesso em 05/07/2013.

Na exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]**, o grupo apresenta leituras gráficas e poéticas de uma cidade que nasceu de um projeto e é reinventada no cotidiano, contrapondo um lugar do passado com a necessidade de construção de um presente. O Poro faz uma interpretação de detalhes do dia a dia brasiliense, tais como as linhas fora do gride ou a setorização da cidade. Como afirma o grupo, “não são leituras definitivas nem têm a pretensão de abranger toda a cidade (ou tudo o que é a cidade), mas tentam ressignificar alguns de seus fragmentos.”<sup>04</sup>

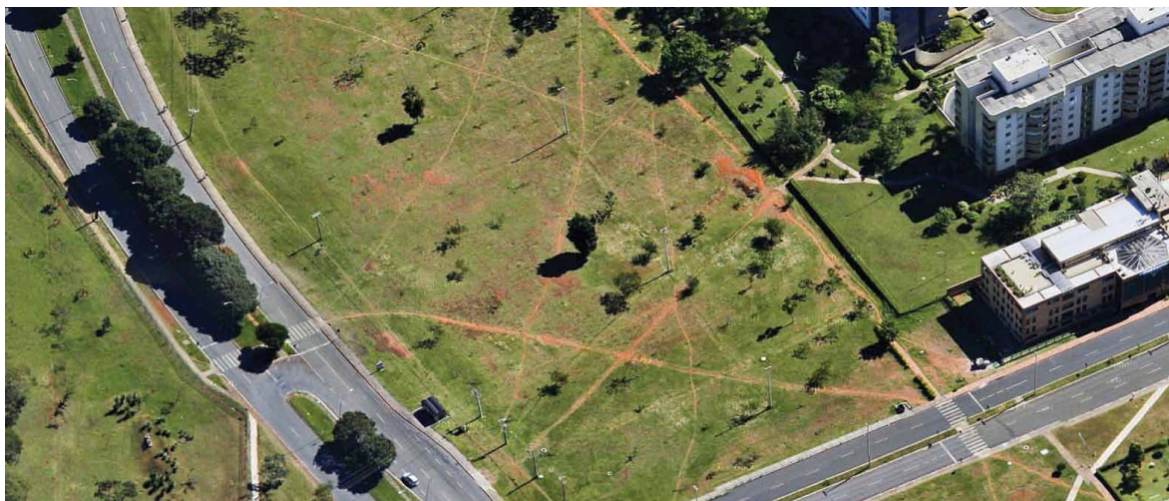


Figura 8 — Fora do Grid. Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]**



Figura 9 — Outros setores para Brasília.  
Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]**



Figura 10 — Paisagens escritas.  
Da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]**

Outra intervenção feita pelo grupo foi a **Olhe para o céu**, na Praça Sete, na região central de Belo Horizonte (MG). A ação consiste em panfletos com imagens de pássaros que são jogados do alto de um prédio que, pela ação do vento, não caem diretamente no chão, mas voam por alguns segundos. Durante esse breve espaço de tempo, o céu se colore, desviando o olhar das pessoas para cima, causando uma desautomatização do habitual, por meio de uma ação efêmera.

04 Catálogo da exposição **Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]**, p. 15. Disponível em < [poro.redezero.org/publicacoes/catalogo-brasilia](http://poro.redezero.org/publicacoes/catalogo-brasilia) > Acesso em 05/07/2013.





Figura 11 — Olhe para o céu. Foto: Poro.

Os projetos do Poro têm esse efeito de causar respiros urbanos, deslocamentos transitórios do ritmo cotidiano, pela ocupação poética dos espaços. Para o passante, ocorre o fenômeno da serendipidade, ou seja, a descoberta de algo agradável por acaso, e a percepção de que a cidade é um organismo vivo e em constante transformação por aqueles que a habitam.

#### 4.2 Brasília: Contradições de uma Cidade Nova

O documentário **Brasília: Contradições de uma Cidade Nova**, do cineasta Joaquim Pedro de Andrade, foi filmado 6 anos após a inauguração da capital. O curta-metragem questiona a idealização da “capital da esperança”, com princípios comunistas, democráticos e desenvolvimentistas, frente às desigualdades que surgiam desde o início da construção.

Na primeira metade do filme, a nova capital é apresentada de forma descritiva, conforme o relatório do Plano Piloto. São mostrados aspectos modernistas da cidade planejada (como as unidades de vizinhança), o andamento das obras e a ocupação populacional na cidade. Ao longo do curta, o diretor vai passando da região central para as periféricas, construindo o discurso de que Brasília era espaço de exclusão.



Figura 12 — Imagens do filme **Brasília: Contradições de uma Cidade Nova**

Os operários que migraram de suas cidades natal vieram para o centro do país para trabalhar e eram privados daquilo que construíam. As cidades satélites surgem como alternativa para conter o crescimento da cidade e abrigar os candangos.



Figura 13 — Imagens do filme **Brasília: Contradições de uma Cidade Nova**

“Ao excluir de seu seio os homens humildes que a construíram e os que ainda hoje a ela acorrem, Brasília encarna o conflito básico da arte brasileira, fora do alcance da maioria do povo. O plano dos arquitetos propôs uma cidade justa, sem discriminações sociais, mas, à medida que o plano se tornava realidade, os problemas cresciam para além das fronteiras urbanas em que se procuravam conter. Na verdade são problemas nacionais, de todas as cidades brasileiras, e nesta, generosamente concebida, se revelam com insurportável clareza.” **(Transcrição de trecho do documentário)**

A franqueza e realidade apresentadas por Joaquim Pedro de Andrade no curta-metragem, que desconstruíam a imagem de cidade ideal da capital, fizeram o filme ser censurado já no seu lançamento, que era contemporâneo à época do período ditatorial-militar.

O documentário foi revelador por apresentar um ponto de vista crítico sobre a nova capital, que deslumbrava por sua arquitetura e por sua promessa de que seria um marco no desenvolvimento do país. Além disso, ajudou a compreender melhor o período histórico da construção de Brasília, pelo registro em vídeo da cidade à época.

### 4.3 Candy Chang

A artista Candy Chang é conhecida pelas suas intervenções urbanas interativas, que convidam o passante à reflexão e participar de suas obras. Ela trata de questões tanto pessoais (como memórias e segredos) quanto coletivas (como espaços públicos abandonados), criando uma plataforma para que as pessoas possam compartilhar seus pensamentos acerca do tema central.

No projeto “*Before I Die...*”, a artista usa a parede de um lugar abandonado e inicia um trabalho que só se completa com a participação de outras pessoas, a partir da continuação



para a frase “depois de morrer eu quero...”. O confronto entre o público e o privado é bastante marcante nessa intervenção, uma vez que o objetivo é possibilitar a introspecção das pessoas e compartilhar suas respostas de desejos pessoais no espaço público.



Figura 14 — *Before I die...* Foto: Candy Chang

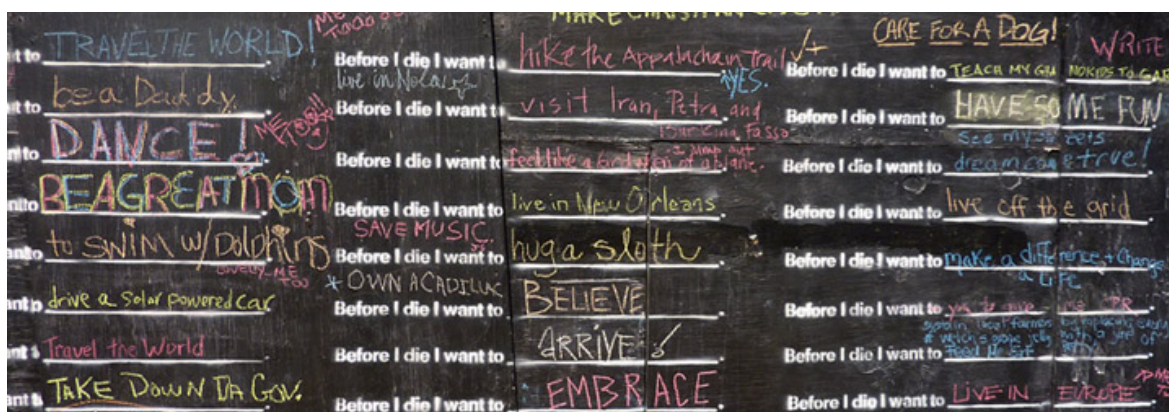


Figura 15 — Detalhe do muro *Before I die...*. Foto: Candy Chang

Candy Chang se apropria de lugares abandonados também para permitir o questionamento sobre o uso de espaços públicos. Em *"I Wish This Was"*, as pessoas respondiam em adesivos colados por lugares não utilizados pela cidade o que gostariam que fosse. A intervenção permite que os passantes façam uma reflexão sobre o espaço em que estão inseridas. As respostas obtidas transitam de funcionais a poéticas, o que demonstra que o projeto permite muito mais do que um questionamento prático sobre a ineficiência do local: ele apresenta um campo de livre expressão para as pessoas.

O projeto *Confessions*, diferente da maioria dos trabalhos de Candy Chang, acontece em uma galeria e não na rua. A instalação convida as pessoas a contarem seus segredos mais íntimos anonimamente e a saberem de segredos de anônimos, trabalhando novamente com a relação de público e privado.

A linguagem que Chang utiliza em seu trabalho é interessante do ponto de vista do envolvimento das pessoas no projeto. Há uma relação de troca entre a artista e aqueles que participam: enquanto ela proporciona um contexto que permite a reflexão e a cooperação

direta com seu trabalho, este só se completa com a interferência dos outros.



Figura 16 — *I wish this was...* Foto: Candy Chang



Figura 17 — *Confessions*. Foto: Candy Chang

#### 4.4 Coletivo Transverso

O Coletivo Transverso é um grupo de Brasília que combina arte urbana e poesia na cidade por meio de cartazes lambe-lambe e estêncil, com poemas mínimos, geralmente compostos por metáforas e trocadilhos. As intervenções poéticas são colocadas em locais de passagem, priorizando o pedestre como leitor e receptor da mensagem. As composições gráficas são feitas predominantemente com o uso puro de tipografia, mas não há uma definição rígida de estilo.

Não há também um tipo de conteúdo característico dos textos do Coletivo Transverso. Algumas intervenções são metalinguísticas e chamam atenção do observador para o próprio ato de fazer poesia no espaço e da relação entre esses dois elementos ou ainda usa elementos da cidade para provocar uma reflexão. Outras intervenções possuem um conteúdo que trata de relações do indivíduo com ele mesmo, com o outro ou com a sociedade.

Para o presente projeto, são especialmente interessantes as intervenções que o Coletivo Transverso se apropria de particularidades de Brasília para compor o conteúdo, mostrando que a cidade é objeto de questionamento:





Figura 18 — Intervenções urbanas do Coletivo Transverso

Um dos integrantes do Coletivo, Cauê Novaes, em entrevista para o *Correio Brasileiro*<sup>05</sup>, aponta consequências positivas para a experiência urbana na apropriação do espaço público como suporte para transmissão de uma mensagem poética:

“as intervenções são instantes de desvio. São formas de tirar o passante da sua rotina cega. Normalmente, temos olhos viciados. Quando somos surpreendidos por algo novo no caminho, percebemos a cidade como um elemento vivo. Com uma dramaturgia própria que pode ser modificada diariamente. Um poema aberto. Isso faz com que o passante se insira/aproprie na própria cidade.” (Cauê Novaes)



Figura 19 — Intervenções urbanas do Coletivo Transverso sobre Brasília

#### 4.5 Futuro do Pretérito<sup>06</sup>

“Brasília é um futuro que aconteceu no passado” (LISPECTOR, 1974). **Futuro do Pretérito** é uma videoinstalação de Rubens Mano, que consistiu em projeções simultâneas (em

05 Entrevista disponível em <[www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/03/10/interna\\_diversao\\_arte,353891/correio-apresenta-intervencoes-liricas-em-becos-e-quadras-do-plano.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/03/10/interna_diversao_arte,353891/correio-apresenta-intervencoes-liricas-em-becos-e-quadras-do-plano.shtml)> Acesso em 05/07/2013.

06 Vídeos disponíveis em <[vimeo.com/30816029](https://vimeo.com/30816029)> (Plano Piloto) e <[vimeo.com/26449526](https://vimeo.com/26449526)> (Cidades Satélite) Acesso em 05/07/2013.

dois painéis, um de costas para o outro) de paisagens urbanas de Brasília e das cidades-satélite.

O artista apresenta Brasília por trás do cartão postal, uma cidade real que sofreu a ação do tempo, em sua escala pouco humana, que não propicia o andar. **Futuro do Pretérito** se refere a um fato futuro em relação ao passado e Rubens Mano mostra o vazio e o eco de uma cidade que é, o que provoca a reflexões sobre o que ela poderia ter sido.



Figura 20 — Imagem do video **Futuro do Pretérito** [plano piloto]



Figura 21 — Imagem do video **Futuro do Pretérito** [cidades-satélite]



#### 4.6 Keri Smith

Keri Smith se intitula uma escritora e ilustradora que virou artista de guerrilha. Em sua publicação *How to be an explorer of the world: portable life museum*, Smith (2008) propõe que o leitor viva a cidade por meio de 59 explorações sugeridas, que têm como objetivo proporcionar um novo olhar para a cidade.

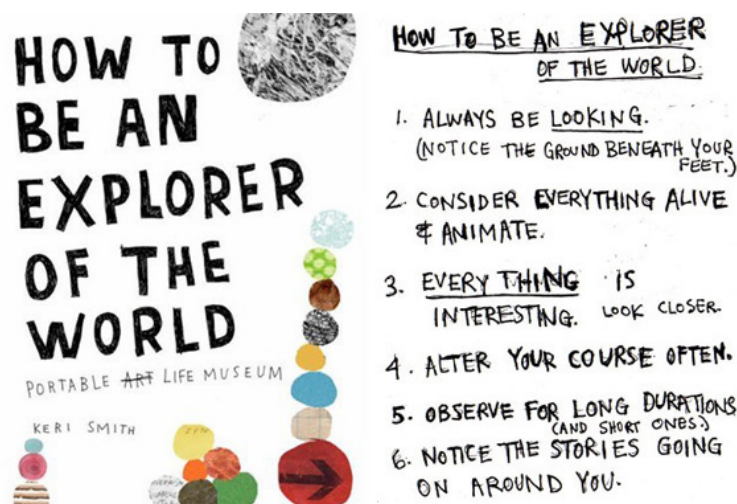


Figura 22 — Imagem do livro *How to be an explorer of the world*

O livro é um guia para explorar o espaço e cada atividade tem por objetivo promover uma reflexão sobre o que cerca o indivíduo. Partindo da premissa que “tudo é interessante”, a proposta é estar sempre curioso e atento aos detalhes das coisas.

A autora constroi o livro de forma que as explorações sejam parte uma missão: documentar e observar o mundo como se nunca tivesse o visto antes. Para cumprir a missão, o processo de colecionar é importante. Dessa forma, as experiências vividas pelas atividades propostas culminam em um museu portátil, com todas as coisas colecionadas.

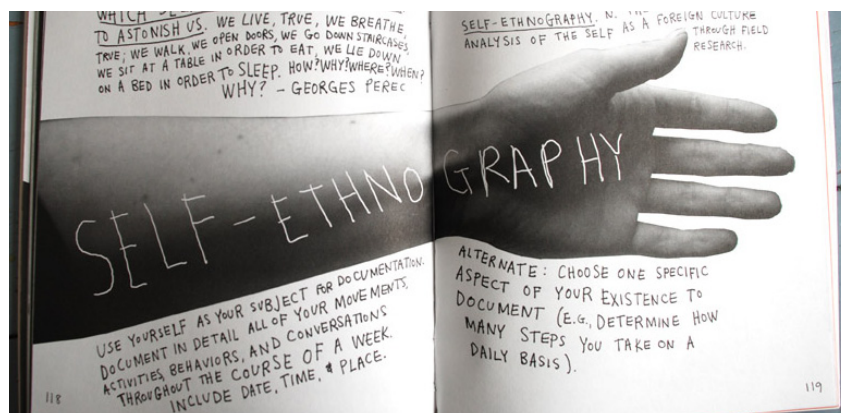


Figura 23 — Imagem do livro *How to be an explorer of the world*

Entretanto, mais que um produto das explorações, o objetivo é promover uma reflexão sobre o espaço. Todas as atividades são acompanhadas de uma citação que inspiram o leitor,

além de ser um subsídio para aprofundar o conhecimento teórico relativo ao tópico central da exploração.

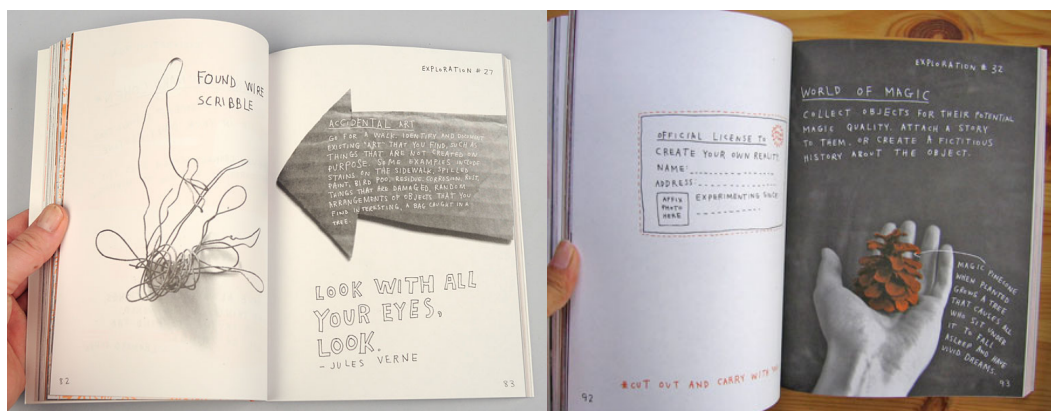



Figura 24 — Imagens do livro *How to be an explorer of the world*

O convite de Keri Smith de observar o que está em volta pelo simples prazer da observação, ainda que sem funcionalidade aparente, foi necessário para o presente projeto. O olhar atento não precisa estar seguido de um posicionamento crítico, pode ter um propósito de simples contemplação e reflexão no processo.

#### 4.7 Nicolas Behr

O poeta Nicolas Behr nasceu em Cuiabá e veio para Brasília em 1974. Desde então, escreve sobre a cidade, expondo um ponto de vista direto e sintético e se utiliza com recorrência da matemática da cidade para compor seus poemas. Segundo o autor: “Eu acho que não temos como fugir de Brasília, temos que encarar a cidade. E isso eu faço.”

Por outro lado, Behr apresenta um retrato da sua cidade imaginária, Braxília, uma reconstrução de Brasília. Trata-se de um espaço constituído na língua e na sua individualidade. O poeta explica: “Em Braxília nada me incomoda, a não ser o fato de não haver nada a incomodar... é utopia pura. Uma cidade de gente feliz, só isso.”

NEM TUDO SÃO ÁRVORES  
NA CIDADE PARQUE  
NEM TUDO SÃO FLORES  
NA CIDADE JARDIM  
  
NEM TUDO É TUDO  
NA CIDADE NADA

BRASÍLIA É A INCAPACIDADE  
DO CONTATO AFETIVO  
ENTRE A LAJE  
E O CONCRETO

Figura 25 — Poemas de Nicolas Behr e projeto gráfico de Felipe Cavalcante

SQS415F303  
 SQN303F415  
 NQS403F315  
 QQQ313F405  
 SSS305F413  
 seria isso  
 um poema  
 sobre Brasília?  
 seria um poema?  
 seria Brasília?

plano que te quero piloto  
 super que te quero quadra  
 dabelhu que te quero três  
 éle que te quero dois  
 grande que te quero circular  
 cidade que te quero satélite  
 pastel que te quero caldo  
 escada que te quero rolante  
 iogurte que te quero farinha  
 cerrado que não te quero soja

entre,  
 entre por favor  
 entre blocos  
 entre quadras  
 entre,  
 entre por favor  
 Brasília que te quero Brasília

imagine Brasília  
 não-capital  
 não-poder  
 não-Brasília  
 assim é Brasília

#### 4.8 NeSpoon

A artista polonesa NeSpoon faz intervenções urbanas nas ranhuras da cidade, como paredes ou chão marcados pela ação do tempo ou em composição com elementos da natureza, como árvores. Para preencher esses espaços, ela utiliza meios como estêncil, cerâmica e crochê, usando padrões delicados e simétricos, bastante particulares da linguagem visual da artista.



Figura 26 — NeSpoon: intervenções em cerâmica na cidade



Ela aproveita os espaços de respiro da cidade para sutilmente fazer uma interferência figurativa. Isso gera uma ressignificação do espaço negativo, uma vez que, antes da intervenção, se tratava da lacuna no concreto ou no asfalto. Ao preenchê-la com seu trabalho, a perspectiva se amplia e a arte passa a fazer parte integrante da cidade.



Figura 26 — NeSpoon: intervenções em estêncil na cidade

#### 4.9 Clarice Lispector

Clarice Lispector, importante nome da literatura brasileira, veio à Brasília em 1962, quando a capital havia sido recém inaugurada. Escreveu “Nos primeiros começos de Brasília”, uma crônica que mostra seu ponto de vista sobre a cidade. Ela descreve o que viu e sentiu com profundidade, tecendo críticas à cidade vazia e artificial, que fora planejada, mas não habitada, mas se impressiona com a magnitude do que foi construído.

“Brasília é construída na linha do horizonte. Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. (...) Brasília ainda não tem o homem de Brasília. (...) Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. (...) Se tirassem meu retrato em pé em Brasília, quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem. (...) É urgente. Se não for povoada, ou melhor, superpovoada, será tarde demais: não haverá lugar para as pessoas. Elas se sentirão tacitamente expulsas.” (Clarice Lispector, 1962.)

Em 1974, Lispector escreve novamente sobre a cidade em “Brasília: Esplendor”, dessa vez com um discurso mais lírico e metafórico, centrado no que a cidade (agora mais desenvolvida do que em sua primeira visita) provoca na autora:

“Brasília é o meu martírio. E não tem substantivo. É só adjetivo. E como dói. (...) Em Brasília não entra qualquer um, não. É preciso nobreza, muita sem-vergonhice e muita nobreza. Brasília não é. É apenas o retrato de si própria. (...) Está se vendo

que não sei descrever Brasília. Ela é Júpiter. É palavra bem aplicada. É gramatical demais para o meu gosto. E o pior é que ela exige gramática but I don't know, sir, I don't know the rules.

Brasília é um aeroporto. Os alto-falantes anunciando fria e cortesmente a partida dos aviões. Que mais? é que não se sabe o que se quer fazer em Brasília. (...) Brasília é arriscada e eu amo risco. É uma aventura: me deixa face a face com o desconhecido. (...) Brasília humanizou-se. Só que não agüento essas ruas redondas, essa falta vital de esquinas. Lá, mesmo o céu é redondo. As nuvens são agnus dei. Brasília tem o ar tão seco que a pele do rosto fica seca, as mãos ásperas.” (Clarice Lispector, 1974.)

#### 4.10 Paulo Leminski

Paulo Leminski visitou Brasília em 1984 e escreveu sobre o que viu e sentiu em “Claro Calar sobre uma Cidade sem Ruínas (Ruinogramas)”. O poeta fala sobre admirar o erro e o clandestino da cidade, ao invés do planejado. Mostra uma visão crítica da capital pensada pelo urbanista em contraposição com a humanização da cidade e de sua apropriação por seus habitantes.

##### Claro Calar sobre uma Cidade sem Ruínas (Ruinogramas)

Em Brasília, admirei.

Não a niemeyer lei,  
a vida das pessoas  
penetrando nos esquemas  
como a tinta sangue  
no mata borrão,  
crescendo o vermelho gente,  
entre pedra e pedra,  
pela terra a dentro.

Em Brasília, admirei.

O pequeno restaurante clandestino,  
criminoso por estar  
fora da quadra permitida.

Sim, Brasília.

Admirei o tempo  
que já cobre de anos  
tuas impecáveis matemáticas.

Adeus, Brasília.

O erro, claro, não a lei.

Muito me admirastes,  
muito te admirei.

O estudo de construção textual tanto de Leminski quanto de Lispector mostram uma leitura poética crítica sobre a estrutura única da cidade, que ocorre pela singularidade de ter sido planejada e construída conforme os preceitos modernistas. Esse tipo de abordagem é interessante do ponto de vista analítico, mas se distancia da perspectiva deste projeto, uma vez que o olhar dos dois poetas é de estranhamento, de quem não vive em Brasília. Essa postura caracteriza o observador, aquele que olha de fora e o que se pretende no presente trabalho é apresentar um olhar de dentro, de quem faz vive o cotidiano da cidade.

## 5 PROPOSTAS

### 5.1 Aqui em BSB

Em um contexto fora da universidade, paralelamente ao desenvolvimento do presente projeto, interesses comuns por cartões postais e por Brasília foram o ponto de encontro para iniciar o **Aqui em BSB**, um grupo colaborativo com as colegas de curso Ana Cecília Schettino e Isabella Brandalise, cujo objetivo maior é experimentar a cidade de uma maneira diferente. O grupo desenvolve coleções de postais de Brasília, cada uma com temática e técnica específicas.

A coleção #01 propõe a desconstrução de espaços institucionais da cidade, por meio de interferências sutis, fantasiosas e bem-humoradas na fotografia. A técnica utilizada foi a combinação de lomografia e ilustração, impressas em *offset*.

Esse trabalho foi importante no processo de desenvolvimento do projeto de diplomação, uma vez que iniciou um exercício de leitura gráfica da cidade e uma relação mais íntima e atenta com o espaço.

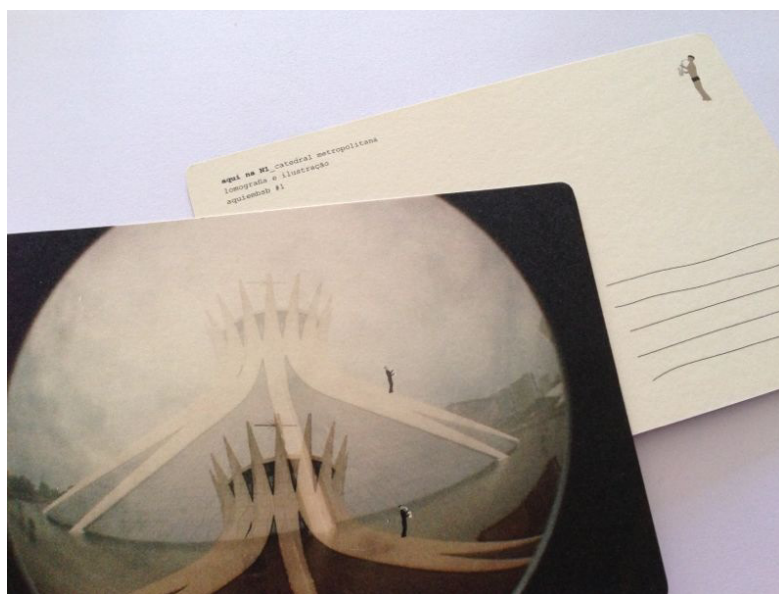


Figura 27 — Coleção #01 aqui em bsb: catedral metropolitana



Figura 28 — Coleção #01 aqui em bsb: dois candangos e congresso nacional

## 5.2 Produção Textual

Para desenvolver este projeto, foi necessário observar e vivenciar Brasília de uma forma mais próxima. Assim, passei a andar pela cidade (principalmente por residenciais da Asa Sul e pelo Eixo Monumental), sem pretensões finalísticas, apenas pelo ato de flunar. Ao longo desse processo, as impressões e sensações eram registradas por palavras-chave e por fotografias.

Durante as caminhadas por Brasília, foi possível vivenciar características do projeto de Brasília, tais como os endereços cartesianos da cidade, a despriorização do pedestre (os trajetos percorridos a pé foram cansativos e, muitas vezes, em locais que não havia faixa de pedestres ou calçadas) e, sobretudo os espaços vazios, decorrentes da ausência de pessoas nas ruas.



Figura 29 — Ruas vazias em um sábado (W5 sul, na altura da 706/906 sul)



Figura 30 — Ruas vazias em um sábado (comercial da 205/206 norte)

Um local em particular na cidade chamou atenção diante dos demais: a entrequadra 708/907 sul. Primeiramente, pelo endereço, que não segue a lógica das outras quadras de Brasília. Em tese, o certo seria 707/908 sul, seguindo o padrão das demais entrequadras e tendo em vista que a cidade é uma justaposição de dois eixos, conforme explica o esquema:

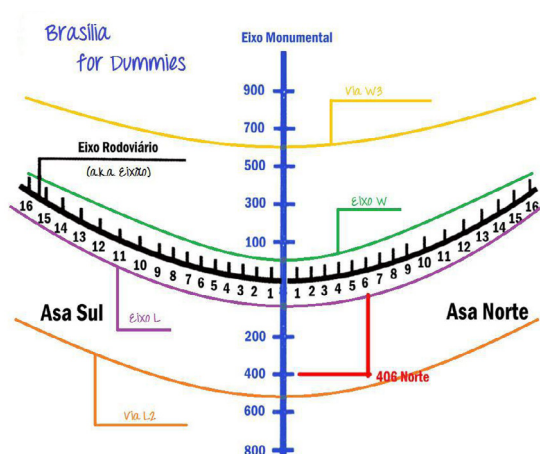


Figura 31 — Brasília for dummies



Figura 32 — Placa de sinalização da EQS 708/907



Outro ponto interessante sobre a 708/907 sul é o fato de atribuírem um nome a elementos do espaço, ao invés de números, o que é recorrente em outras cidades do país. Assim, o Jardim de Infância entre as residenciais da 707 e 708 sul se chama “Jardim de Infância 21 de Abril” (tal qual o nome da Banca de Jornais e da praça). É necessário ressaltar que as demais escolas públicas do Plano Piloto são nomeadas pela quadra em que estão localizadas, por exemplo Jardim de Infância 308 sul.



Figura 33 — Jardim de Infância 21 de Abril

Apesar de haver um amplo espaço, propício para a ocupação dos moradores, a Praça 21 de Abril estava vazia nos três dias que estive lá (sábado e domingo pela tarde e segunda-feira pela noite, no início do mês de junho de 2013). Havia um totem com os dizeres “Feira do Sabor”, que, pelo que se pode inferir, costumava acontecer naquele espaço, mas que caiu em desuso. Observou-se que o espaço público não era utilizado, apesar de ter vários elementos propícios para isso: proximidade com a rua, locais para sentar, presença de sombras, pequeno comércio na praça (Banca de Jornal), presença de habitantes nos arredores.



Figura 34 — Praça 21 de Abril



Figura 35 — Totem Feira do Sabor



Figura 36 — Praça 21 de Abril



Figura 37 — Praça 21 de Abril

Por fim, um elemento curioso encontrado nesse espaço foram pichações na Praça 21 de Abril:



Figura 38 — Pichação "Paula?"



Figura 39 — Pichação "Paula: a mulher certa na hora errada"

Apesar de não ser a destinatária daquelas mensagens, ver o meu nome escrito em vários lugares da praça fez eu me identificar com o local e me envolver de uma forma mais pessoal com ele. A Praça 21 de Abril, a partir daquele momento, tinha se tornado a Praça da Paula, a minha praça.

Em consequência do encontro ao acaso com essas mensagens, foi possível entender empiricamente que a composição de texto e cidade pode alterar a relação do sujeito com o espaço de um ponto de vista subjetivo, ou seja, interferir diretamente em como a pessoa lembra, vive e sente o lugar.

O flunar pela cidade resultou em um processo de produção textual, uma vez que o que se pretendia expressar tem uma natureza inefável, que requer o uso da palavra para se aproximar do que se tem a dizer. Além disso, os textos são uma linguagem que me sinto confortável, por ser uma forma de exteriorização direta do que penso sobre Brasília. Por questões de organização, o conteúdo era postado em uma plataforma online, à medida que

eram escritos: [brasiliapossiveis.blogspot.com.br](http://brasiliapossiveis.blogspot.com.br). Não se pretendia fazer uso dos recursos do blog a favor de atrair leitores, visto que o contato dos textos com a cidade era um elemento importante para a concretização do projeto.

Até o presente momento, pôde-se identificar, após algum tempo de produção textual, três eixos de texto: *se Brasília fosse uma pessoa...*, haicais e prosa, que serão detalhados a seguir.

### **5.2.1 Se Brasília fosse uma pessoa...**

*...como ela seria?* Essa pergunta guia o processo de construção do texto. Ela foi feita a conhecidos, seguida do direcionamento “tente falar sobre as características físicas, psicológicas, gostos e habilidades”. Como resposta, eram obtidas palavras avulsas que eram depois juntadas por mim em um parágrafo com uma forma textual consistente.

É relevante também conhecer um pouco dos respondentes, que podem ajudar a compreender suas respectivas opiniões sobre a cidade. Assim, junto com a descrição de como seria Brasília, há uma breve descrição de quem se propôs a responder, como nome, idade, ocupação, local de nascimento e local atual de moradia. Buscou-se perguntar a pessoas com diferentes perfis: homens e mulheres, jovens e adultos, naturais ou não de Brasília, moradores de Brasília há muito e pouco tempo, pessoas que deixaram a cidade para morar no exterior... No entanto, ainda não conseguiu obter uma vasta gama de variedade de perfis. Isso porque, até este momento, a interação tem sido feita online, com conhecidos. Contudo, pretende-se futuramente levar a questão às ruas, incorporando a ação à cidade, conforme será detalhado no item 7.2.

Trata-se de um exercício de atribuir uma característica de um indivíduo à Brasília, ou seja, de personificação de um lugar. O objetivo é extrair do imaginário das pessoas a cidade que elas enxergam de uma forma traduzida e que representa um processo de subjetivação do espaço.

Essa tradução cria a assimilação de dois conceitos de natureza diferentes (pessoa/cidade) que têm algo em comum. As respostas poderiam gerar questionamentos acerca do seu conteúdo, do tipo: o que significa a atribuição de determinada idade à pessoa-brasília? A cidade é imatura do ponto de vista do respondente? A idade da pessoa é relacionada diretamente à idade da cidade? São questões cujas respostas não precisam necessariamente existir, por nem sempre se tratar de um processo consciente. Essa, inclusive, é a proposta: tirar do imaginário e propor uma reflexão sobre como é Brasília de cada um.

Por ser fruto de uma concepção modernista, os princípios de funcionalidade e de limpeza estrutural deixam Brasília mais impessoal, o que poderia prejudicar a aproximação afetiva dos indivíduos com o espaço. Essa proposta, no entanto, contesta essa possibilidade, buscando resgatar ou estimular a reflexão de sentimentos que a cidade provoca nas pessoas.



### **brasília da moira**

#### ***se Brasília fosse uma pessoa...***

... seria um senhor de quase 60 anos. Usaria roupas tradicionais e bem passadas, sempre combinando. Teria um óculos de massa pesado. Mediria uns 1,75m e seria magro. Cabelos grisalhos e bem afeitado. Ele seria um contador aposentado. Meio solitário, uma pessoa introspectiva e cheia de manias.

*Moira tem 22 anos é estudante de Arquitetura e Urbanismo. Nasceu em Goiânia e mora em Brasília há 4 anos.*

### **brasília da clarice**

#### ***se Brasília fosse uma pessoa...***

... seria um homem magro. Seria todo elegante. Usaria peruca e cílios postiços. Teria um nariz bonito, delicado. Faria ginástica todos os dias às 5 da manhã. Não teria cárie. Teria cheiro de pasta de dentes. Simplesmente pularia segunda-feira. Seria galante. Não envelheceria.

*Clarice foi escritora. Nasceu em Chechelnyk, na Ucrânia, e esteve em Brasília em 1974. fragmentos adaptados do texto Brasília: Esplendor.*

### **brasília do mateus**

#### ***se Brasília fosse uma pessoa...***

...seria uma mulher... simples, sem muitas ornamentações e exageros. Teria 30 anos, auge da beleza feminina. E seria bela na medida... vaidade bem planejada e um corpinho de avião. Seria de pele parda, olhos azuis da cor do céu de meio dia, cabelos pretos longos e bem lisos. Teria um jeito totalmente brasileiro, tanto positivamente quando negativamente: sempre alegre, mas sempre mexendo os pauzinhos pra se favorecer. Seria uma mulher bem agradável normalmente, mas na TPM é um tanto quanto seca... às vezes até fria, mas nunca estressada, sempre tranquila.

*Mateus tem 17 anos e é estudante secundarista. Nasceu e mora em Brasília.*

### **brasília do filipe**

#### ***se Brasília fosse uma pessoa...***

... seria um rapaz, de mais ou menos 16 anos. O cara não seria muito esperto, porque vive se propondo a fazer coisas que não consegue. Apesar disso, ele seria bem objetivo e eficiente no que faz. Seria um menino que gosta mais de exatas e se dá bem nessa área. Ele seria certinho e engomadinho, meio quieto, na dele. Teria uma beleza

natural, mesmo com poucos quilos, sem muito esforço e sem grandes preocupações em se arrumar.

*Filipe tem 21 anos e é estudante de Ciência da Computação. Nasceu em Brasília e está morando em Leicester, no Reino Unido.*

### 5.2.2 Haicais

Haikai é uma forma poética originalmente japonesa com métrica definida: três versos, nos quais o primeiro e o último possuem cinco sílabas e o segundo, sete sílabas. Esse tipo de poema preza pela concisão, por se tratar de uma redução da construção textual. As temáticas dos haicais japoneses eram geralmente referentes à natureza e à pequenas narrativas que tentam captar um momento específico no tempo presente. No Brasil, o haikai perdeu algumas de suas formalidades e não segue a regra da métrica silábica.

Esse tipo de linguagem se mostrou coesa com o presente projeto, por se tratar de uma ação mínima, o que se relaciona com a própria estrutura de Brasília, que é fundamentalmente uma cidade síntese, funcional, conforme preceitos do modernismo.

A partir disso, foram escritos alguns haicais que buscavam captar circunstâncias ou momentos particulares de Brasília, utilizando-se por vezes metáforas e vocabulário específico da cidade.

ali nos ministérios  
nada muito secreto  
o moço vende café

**brasiliês**  
a zebrinha anda no plano  
mas não faz tesourinha  
nem passa por satélites

de tanto concreto  
a cidade ficou abstrata  
e brasiliou-se

em Brasília  
 endereço é algoritmo  
 espaço é ritmo

### 5.2.3 Prosa

Por fim, o terceiro eixo de texto trata-se de prosa. Mostrou-se necessário um espaço livre para expressar reflexões mais explícitas acerca de questões que surgiram durante o desenvolvimento do trabalho sem delimitação de forma.



Figura 29 — *Flanêur* na extinta SPS

FLANAR

*verbo intransitivo*

1. Passear sem destino e sem pressa, por mera distração.

A inauguração do Setor de Parada Sul, em 29 de fevereiro de 1960, gerou controvérsias na cidade. A proposta era inspirada naquele ser que anda pela cidade para observar a vida urbana cotidiana, o *flâneur*, do precursor da poesia modernista Baudelaire.

O SPS era um espaço demarcado híbrido aos demais setores de Brasília. A ideia é que houvesse Setores de Parada nos diversos cantos da cidade: no Setor de Diversões, no Setor Comercial, no Setor de Autarquias... Assim, próximo a uma SQS, teria um SPS, assim como há uma CLS.

Lúcio Costa justificava o Setor de Parada no relatório do Plano Piloto: “...cidade viva

*e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual*". O SPS era um lugar para que os habitantes da nova capital fossem *flâneurs*, que vagassem pela cidade, sem pressa, para apreciar o que havia sido projetado para eles. Era tempo e espaço para pensar a cidade.

No entanto, as autoridades políticas da época não compreendiam o motivo de um setor para se fazer nada. Ora, como fazer nada no lugar onde tudo deveria ser feito? Brasília não era cidade de ócio, era a capital do desenvolvimento. Brasília não era parada, era ação. Em meio às críticas, o Departamento de Urbanismo da Novacap decidiu não seguir adiante com a proposta do Setor de Parada e o recém-inaugurado SPS 308 foi substituído por mais alguns metros de cinturão verde, sendo imperceptível hoje que um dia existiu.

Especialistas afirmam que a ideia de Costa talvez tenha sido muito vanguardista para a época. Ainda hoje, 53 anos depois, é controverso aceitar que fazer nada ainda é fazer algo. Mas o convite ainda persiste: sair sem rumo pela cidade para apreciar. Compreender. Participar. Flanar.

### **as ruas daqui**

Cidade em que endereço é resultado de uma operação lógica, Brasília tem em suas ruas o peso do modernismo. Encontrar um lugar pela justaposição sistematizada de números e letras é uma tradução da funcionalidade — e facilidade? — do movimento modernista.

Suas ruas inominadas fazem Brasília ser (um)a cidade menos romântica. Falta-lhe o sabor da história que carregam as ruas. Falta-lhe a poesia que o encontro de vias pode proporcionar (que o diga a esquina da Harmonia com a Purpurina). Falta-lhe romance urbano.

Lúcio Costa se pronunciou em meados de dos anos 80 sobre o que tinha se tornado a rodoviária: "Foi o Brasil de verdade, o lastro popular que tomou conta da área." E é isso que tem acontecido com nossas ruas: a partir do planejamento ordenado, a cidade vai se transformando de plano para fato, vai tomando seus rumos organicamente, pela apropriação de seus habitantes. Aos poucos, Brasília se torna menos impessoal e mais íntima daqueles que a habitam.

Já se ouve por aí indicações como "rua das farmácias" ou "dog da igreja" para se referir à CLS 302/102 e ao comércio informal da entrequadra da SQS 307/308. Isso é sintoma da interferência do habitante no espaço, dar ao local denominação que lhe é mais lógica do que o conjunto de letras e números projetados para funcionar racio-

nalmente.

E assim, Brasília ensina que, mais do que mera localização, mais do que urbes, endereço é espaço, transborda cidade e mexe com o imaginário das pessoas.

### 5.3 Composições Urbanas

Com alguns textos escritos, foi preciso decidir um meio de suporte para eles. A escolha mais lógica talvez fosse fazer uma publicação, que abarcaria o material escrito. Essa é, inclusive uma alternativa não descartada.

No entanto, para que o projeto se completasse, era importante que houvesse um processo de devolução para a cidade. A composição de poesia com espaços urbanos se mostrou uma solução coerente com os objetivos deste trabalho, uma vez que os textos nascem da cidade e retornam a ela, depois de escritos. Outro ponto a favor dessa alternativa está na sua possibilidade de gerar um efeito multiplicador, em que as intervenções fossem um estímulo e um convite para outras pessoas pensarem sobre Brasília também. Isso porque as questões levantadas no projeto não são substancialmente questões de uma designer, mas da relação pessoal com a cidade enquanto habitante dela.

A serendipidade<sup>07</sup> é uma característica forte de arte urbana. A inserção de elementos inesperados na cidade causa a desautomatização do cotidiano, mostrando que a cidade não é estática, é viva. Cada dia pode aparecer alguma coisa nova no lugar onde se passa. Pretende-se, portanto, com o projeto causar esse efeito no dia-a-dia da cidade e de seus habitantes.

---

07      Encontrar algo bom por acaso.



## 6 PROPOSTA FINAL

A partir disso, de acordo com as características formais dos três eixos de texto, foram decididos os meios de composição com a cidade. Se mostrou necessário também decidir elementos unificadores dessas mediações, que identificassem as intervenções entre si, para se ter uma noção de todo. Contudo, a identificação se limita-se a isso, não sendo necessário divulgar a autoria ou do que se trata o projeto. Para a construção de uma identidade visual simplificada das intervenções, foi desenvolvido um símbolo e foram padronizados o tipo de papel e a tipografia.

O ícone tem objetivo de ser um elemento distintivo e identificador das intervenções urbanas que serão feitas neste projeto das demais. No entanto, manter o caráter de anonimato é importante. A aplicação desse componente seria feita em todas as formas de composição urbana e, nas que se utilizavam de papel como suporte, pensou-se em fazer um carimbo com o símbolo, para que facilitasse o processo de impressão.

Dessa forma, os requisitos para construção do ícone eram: ser sintético, possuir boa possibilidade de redução, ser monocromático. Foi feita uma primeira geração de alternativas:

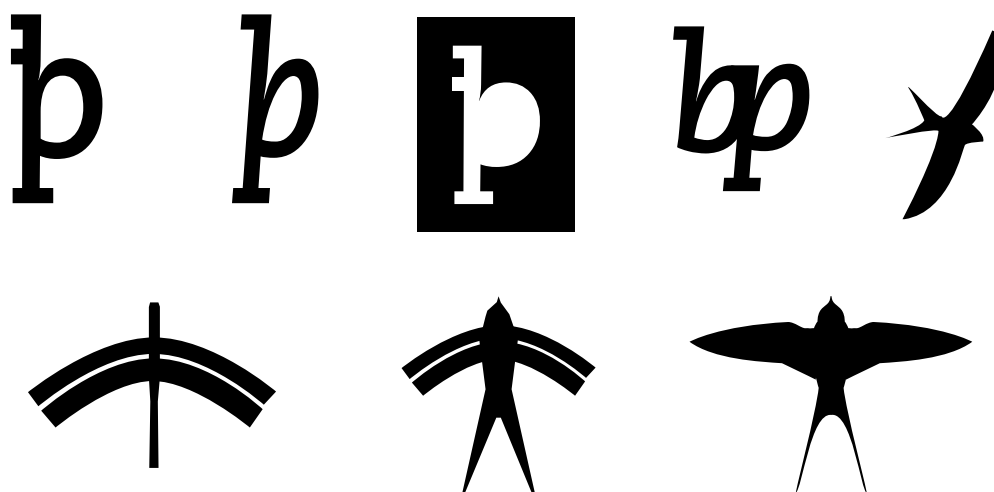


Figura 40 — Geração de alternativas do símbolo

Nessa primeira geração, houve três ideias centrais: a de utilizar as iniciais do projeto (**b** e **p**), aproveitando-se da simetria dos caracteres; a de remeter diretamente ao plano piloto; e a de se apropriar de um elemento simbólico — a tesourinha, pássaro típico do cerrado. Essa última foi escolhida por ser representativa em muitos aspectos. Ela se relaciona com uma parte urbana característica de Brasília, as pistas de acesso às superquadras, cortando o Eixo Rodoviário Residencial (eixinho). Essa construção, por se assemelhar a uma tesoura, é conhecida como tesourinha. Assim, o ícone desenvolvido se apropria de uma metáfora da cidade e da polissemia do vocábulo, ocasionando uma construção simbólica em torno do pássaro.



Figura 41 — Tesourinha: pássaro

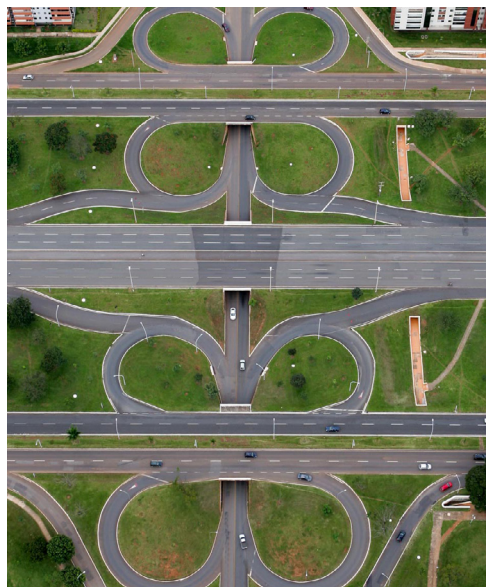


Figura 42 — Tesourinha de Brasília

Uma segunda geração de alternativas, apenas de tesourinhas, foi feita. Após escolhida, fez-se alguns ajustes de curvas, para que as asas lembrassem a angulação do desenho do Plano Piloto, até chegar ao símbolo final:

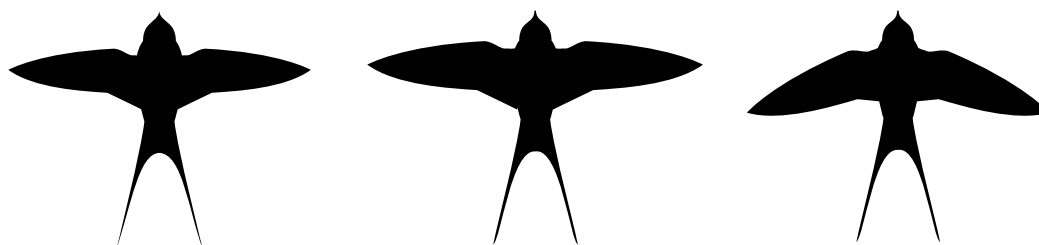


Figura 43 — Segunda geração de alternativas

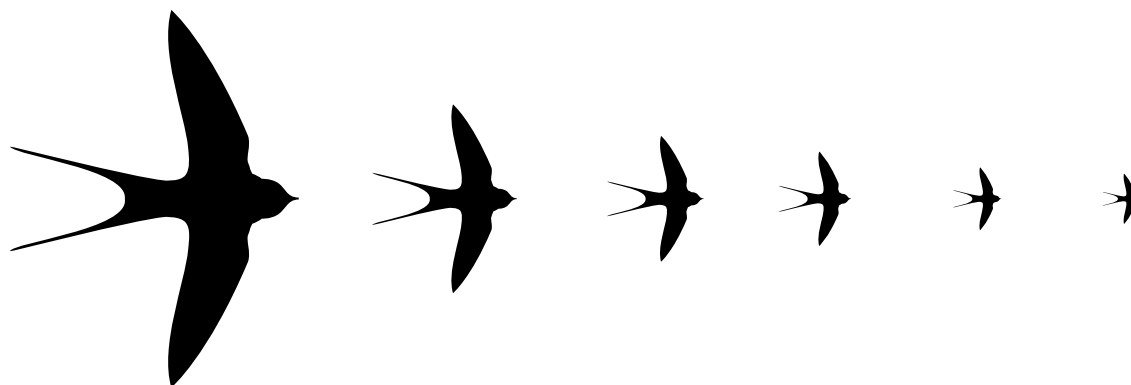


Figura 44 — Alternativa final

O símbolo seria um elemento identificador e articulador dos diversos meios usados

para executar o trabalho. Portanto, não se mostra necessário a grafia **brasílias possíveis** junto ao símbolo, visto que não se pretende propagar o nome do projeto, apenas distinguir e unir o que faz parte dele. O ícone desenvolvido foi aplicado nos meios definidos (panfleto, adesivo e instalação) e, em possíveis ações futuras, deverá ser utilizado também. Não há restrições concernentes a angulação de aplicação, podendo o elemento gráfico ser rotacionado.

A definição de tipografia e tipo de papel foi obtida por uma etapa de *brainstorm* e testes de impressão. Os requisitos para definição do tipo eram: possuir boa legibilidade em meios impressos e possuir pesos menores (fontes mais finas).

Nos primeiros testes, foram usadas as fontes não serifadas DIN e Fedra e as serifadas Minion Pro e Caecilia. Após essa triagem feita em tela, os testes foram feitos em meios impressos, a fim de se validar o peso e o corpo da tipografia.

abcdefghijklmnopqrstuvxz  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 0123456789.,;?!/()[]=+-

*abcdefghijklmnopqrstuvxz*  
*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ*  
*0123456789.,;?!/()[]=+-*

**abcdefghijklmnopqrstuvxz**  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**0123456789.,;?!/()[]=+-**

***abcdefghijklmnopqrstuvxz***  
***ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ***  
***0123456789.,;?!/()[]=+-***

abcdefghijklmnopqrstuvxz  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 0123456789.,;?!/()[]=+-

*abcdefghijklmnopqrstuvxz*  
*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ*  
*0123456789.,;?!/()[]=+-*

**abcdefghijklmnopqrstuvxz**  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**0123456789.,;?!/()[]=+-**

***abcdefghijklmnopqrstuvxz***  
***ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ***  
***0123456789.,;?!/()[]=+-***

DIN, 11pt: regular, italic, bold e bold italic.

Fedra Sans, 11pt: book, book italic, bold e bold italic.

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 0123456789.,;?/()[]=+-

*abcdefghijklmnopqrstuvwxyz*  
*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ*  
*0123456789.,;?/()[]=+-*

**abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**0123456789.,;?/()[]=+-**

***abcdefghijklmnopqrstuvwxyz***  
***ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ***  
***0123456789.,;?/()[]=+-***

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 0123456789.,;?/()[]=+-

*abcdefghijklmnopqrstuvwxyz*  
*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ*  
*0123456789.,;?/()[]=+-*

**abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**0123456789.,;?/()[]=+-**

***abcdefghijklmnopqrstuvwxyz***  
***ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ***  
***0123456789.,;?/()[]=+-***

Minion Pro, 11pt: regular, italic, bold e bold italic.

Caecilia, 11pt: regular, regular italic, bold e bold italic.

Com base nos testes, a fonte Caecilia foi escolhida, pelas suas características tipográficas (serifa quadrada, variações de pesos, boa legibilidade em vários meios) e simbólicas (graciosidade e sensibilidade). Além disso, utilizar uma fonte serifada em um trabalho sobre Brasília seria uma escolha de contraste, visto que é recorrente utilizar fontes sem serifa (sobretudo, Helvetica) em projetos nesse contexto.



Figura 45 — Testes impressos de tipografia

Com relação ao tipo de papel, ele deveria se destacar dos demais que se encontra na rua, mas sem perder sua característica popular (ou seja, a escolha de papéis mais nobres

foi descartada). Diante das possibilidades estudadas em lojas especializadas em papel, o papel kraft foi escolhido pela sua pigmentação diferenciada e pela familiaridade que se tem com ele, entretanto em outros usos (envelopes e embalagens, principalmente).

A partir dessas escolhas, foi possível nortear as alternativas gráficas dos meios para propagação dos textos.

## 6.1 Panfleto

O panfleto é uma mídia recorrente no dia-a-dia e é bastante acessível do ponto de vista do receptor, já que atinge pessoas de diferentes perfis. É certo que a panfletagem está em uma crise de superutilização, em que, ao sair na rua ou parar no semáforo, as pessoas são bombardeadas de papeis. O conteúdo desses meios de divulgação são majoritariamente comerciais. A proposta de se distribuir poesia por meio de panfletagem trata-se, portanto, da apropriação de uma recorrência para uma quebra de paradigma, o que se mostrou coerente, pelo fato do projeto se propor a quebrar o cotidiano dos habitantes de Brasília.

Há a possibilidade de alguns panfletos serem imediatamente descartados, sem sequer serem lidos, o que não considera-se um problema, mas uma reação natural das pessoas em face da natureza da mídia escolhida. É preciso deixar também a serendipidade acontecer naturalmente, sem que se force o encontro das pessoas com a poesia.

Os panfletos foram usados como suporte para os textos em prosa e os haicais, por se tratar de um meio impresso típico de leitura. O formato será 95mm x 190mm, escolhido por comportar o tamanho dos textos até então escritos e pelo aproveitamento de papel.

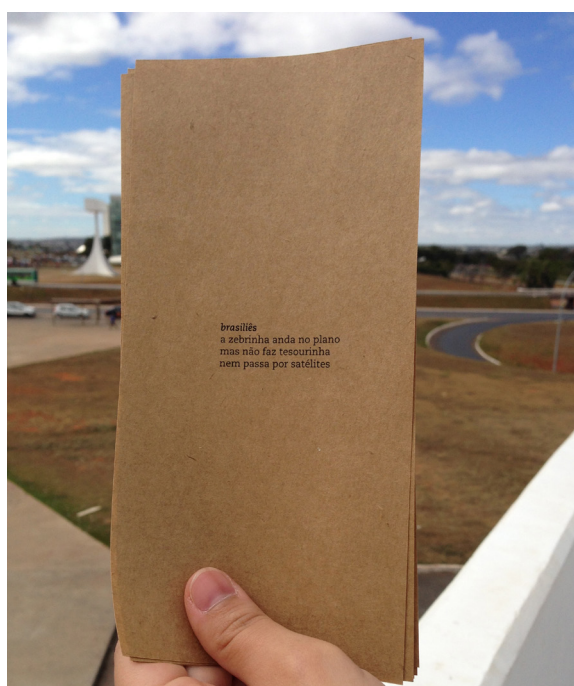


Figura 46 — Panfletos: haicai



Figura 47 — Panfletos: prosa



A tipografia usada foi a Caecilia Roman, 8,5 pt para o corpo do texto e Caecilia Bold Italic, 10pt para títulos. A gramatura do papel kraft foi de 80g/m<sup>2</sup>, o texto foi impresso em *offset* 1x0 em uma tiragem de 300 panfletos (50 para cada tipo de texto: quatro haicais e duas prosas). Para aplicar o símbolo do projeto, foi feito um carimbo, usado no verso do panfleto, que imprimia o ícone da tesourinha em um tamanho de 2cm de largura. Essa escolha foi feita a fim de diminuir o custo de impressão, que seria maior caso fosse 1x1.



Figura 48 — Aplicação do símbolo nos panfletos

Os panfletos foram distribuídos diretamente a pessoas na rodoviária de Brasília, durante a execução do projeto da Urna (item 6.3). Além disso, foram colocados no parabrisa de alguns carros estacionados na Universidade de Brasília, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB – Brasília) e em Superquadras Residenciais (308 sul e 206 sul).

Na primeira situação, algumas pessoas se recusaram a receber o panfleto. Outras, guardaram imediatamente, sem ler o conteúdo. A maioria, no entanto, leu o conteúdo. Não foi possível verificar a reação das pessoas na segunda situação, de encontrarem o panfleto em seus carros, visto que nenhum motorista chegou ao seu veículo no tempo de observação.



Figura 49 — Mulher lendo o panfleto na fila de espera do ônibus

## 6.2 Adesivo

Para fazer as intervenções urbanas propriamente ditas, optou-se por trabalhar com os haicais, por serem textos mais sintéticos, possibilitando a leitura pelo passante. Pensou-se em usar uma escala menor, em que se aproxima do indivíduo.

Os adesivos foram impressos em folha transparente, no formato de 45 mm x 20 mm, na tiragem de 840 adesivos (280 de cada haicai). São compostos pela tipografia Caecilia Heavy (para garantir a legibilidade em superfícies não homogêneas), 9pt. Há também aplicação do símbolo:

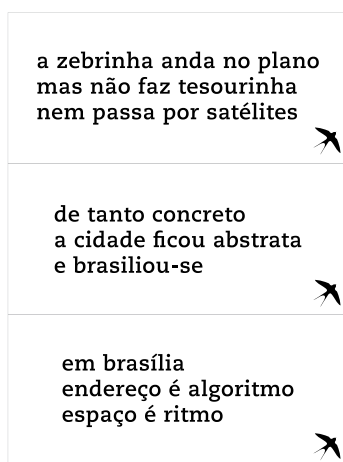


Figura 50 — Modelo das etiquetas

Foi feita uma seleção prévia de lugares no Plano Piloto em que se pretendia colar os adesivos: locais que requeiram a aproximação do indivíduo (por exemplo, mesas de praças nas superquadras, ônibus ou lixeiras). Para definir esses lugares, foi importante a descoberta empírica de Brasília, com o flunar, o caminhar pela cidade, etapa que foi realizada ao longo de todo o projeto. Assim, a partir da observação e da experiência de pedestre pela cidade, foi possível identificar locais em que o adesivo seria notado pelo passante.



Figura 51 — Etiqueta de propaganda em lixeira na SQS 308

Os adesivos foram aplicados em orelhões, paradas de ônibus, bancos e mesas de praças, corrimãos, lixeiras, próximo aos botões de pedestre em semáforos.

Uma vez colados por Brasília, os adesivos estabelecem um diálogo direto com a cidade, já que começam a ser parte integrante dela.



Figura 52 — Adesivo em orelhão



Figura 53 — Adesivo em banco

### 6.3 Urna

Nos textos “*se Brasília fosse uma pessoa...*”, pretendia-se fazer uma intervenção urbana, a fim de promover a interação das pessoas com o projeto, em locais de grande circulação em Brasília, mas que houvesse pessoas paradas ou em espera. A solução pensada era composta de urna para as pessoas depositarem suas respostas. Além disso, seria necessário fazer uma sinalização com a pergunta, para que atraísse respondentes.

Escolheu-se a Rodoviária de Brasília para realizar a intervenção, por ser um local em que há uma grande diversidade de pessoas na cidade, além de ser um lugar movimentado por pedestres.



Figura 54 — Rodoviária de Brasília



No entanto, ao chegar na Rodoviária, percebeu-se que seria necessário tomar uma postura mais proativa para que as pessoas participassem e respondessem a pergunta. Assim, ela foi feita no formato de uma entrevista. Os formulários para resposta feitos para executar a intervenção se tornaram um pequeno roteiro para a entrevista. A pergunta inicial era “se Brasília fosse uma pessoa, como ela seria?”. Ao longo das conversas com os entrevistados, observou-se que eles não sabiam ao certo o que responder. Então, algumas perguntas secundárias tiveram que ser feitas, tais como “seria um homem ou uma mulher?”, “qual seria a idade?”, “qual seria a profissão?”, “como ela seria fisicamente?”. entre outras. Ao final dessa pergunta, pretendia-se saber também o nome do respondente, o local de nascimento e o de residência e a profissão.



Figura 55 — Formulário de respostas “se Brasília fosse uma pessoa...”

As entrevistas foram realizadas em uma segunda-feira (15 de julho de 2013), entre às 10h e às 11h30. Obteve-se 22 respostas nesse dia. Buscou-se selecionar respondentes de vários perfis diferentes. As entrevistas e o registro fotográfico foram realizados com a ajuda das colegas de curso Isabella Brandalise e Juliana Jobim.



Figura 56 — Entrevistas na Rodoviária



Figura 57 — Entrevistas na Rodoviária



Figura 58 — Entrevistas na Rodoviária



Figura 59 — Entrevistas na Rodoviária

Algumas das respostas obtidas foram<sup>08</sup>:

**brasília do elias**

*se Brasília fosse uma pessoa...*

...seria um homem mau.

*Elias trabalha com processos. Nasceu em Brasília e mora em Brazlândia (DF).*

**brasília da stephanie**

*se Brasília fosse uma pessoa...*

... seria uma mulher bonita e legal. Teria um namorado, mas não teria filhos. Seria professora e seria amiga dela.

*Stephanie tem 4 anos e é estudante. Nasceu nos Estados Unidos e mora em Machadinho do Oeste, em Rondônia. (Ela estava em Brasília porque ia nas Embaixadas).*

**brasília do diogo**

*se Brasília fosse uma pessoa...*

... seria uma pessoa *cult*, na *vibe*. Uma mulher que curte a cultura. Seria bem bonita, teria curvas típicas de uma brasileira. Andaria de ônibus às vezes.

*Diogo é estudante de Biologia. Nasceu em Brasília e mora em Ceilândia (DF).*

**brasília da josefa**

*se Brasília fosse uma pessoa...*

... gostaria que fosse uma mulher. Teria 53 anos (é a idade da cidade, né?). Seria casada com um marido bem bacana e teria um casal de filhos bem estudiosos. Seria bem

08 As demais respostas obtidas podem ser lidas no blog [brasiliapossiveis.blogspot.com.br](http://brasiliapossiveis.blogspot.com.br)

estudada e trabalharia (tem que trabalhar!). Ajudaria os mais necessitados.

*Josefa está procurando emprego. Nasceu na Paraíba e mora em Brasília desde 1970.*

Foi possível notar alguns pontos distintos entre as respostas obtidas nas entrevistas feitas na Rodoviária daquelas obtidas *online* de amigos. Primeiramente, por se tratar de uma entrevista, as pessoas aparentavam se sentir confusas com a pergunta. Quando feita *online*, os respondentes têm um tempo maior para pensar no que dizer e podem estruturar melhor o texto. Outro ponto é que, na Rodoviária, era recorrente o uso de adjetivos mais comuns do vocabulário da língua portuguesa, tais como “legal”, “bonita”, “má”. Um terceiro aspecto peculiar das respostas obtidas foi que muitos afirmavam ter nascido em Brasília e estarem morando em uma satélite. Para eles, existe uma clara distinção entre as Regiões Administrativas do Distrito Federal e uma identificação das satélites como cidades. O curioso é o fato de não responderem que nasceram em uma satélite, mas sim em Brasília.

A execução dessa intervenção urbana, adaptada para o formato de entrevistas, possibilitou notar que a personificação da cidade é, muitas vezes, um espelho daquilo que o respondente pensa sobre Brasília, oscilando conforme o seu estado de espírito. Assim, sentimentos como revolta, carinho ou esperança tomam lugar no primeiro plano, por meio da transposição dessas sensações em características de personalidade das brasílias que vivem naquelas pessoas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição dos meios para a execução do projeto (panfleto, adesivo e urna) foram resultantes de um processo de escolha, diante de tantas alternativas que seriam factíveis e coerentes. Assim, é possível identificar possibilidades de desdobramento deste trabalho, em outros tipos de intervenções urbanas, em um documentário (sobre as Brasília das pessoas) ou ainda em uma publicação.

Além disso, pode-se fazer algumas considerações decorrentes do processo de desenvolvimento do trabalho. Primeiramente, por meio do projeto, pode-se questionar sobre o papel do design na contemporaneidade. Nesse sentido, Rafael Cardoso (2012) foi um bom direcionador teórico para o que se observou na prática:

“Um segundo valor característico do bom design é a *inventividade de linguagem*. Todo trabalho de design envolve o emprego e a conjugação de linguagens, geralmente de ordem visual e/ou plástica. (...) Design é um campo dedicado à objetivação, à construção, à materialização de ideias. Compartilha com arte, arquitetura e engenharia o propósito de moldar formas, constituir espaços e definir relações por intermédio de marcadores visuais e táteis.” (Rafael Cardoso, 2012, p. 244-246)

Este trabalho foi resultante de uma articulação de pensamentos sobre Brasília, usando a linguagem como elemento-chave nesse processo, que se orientou, de início, pela subjetividade de ideias acerca do espaço, se materializando em textos e composições urbanas. Assim, percebe-se o design como disciplina que transborda a forma e a função e passa para o campo de reflexões, questionamentos, desconstruções e reconstruções.

Por fim, foi colocada em questão minha própria relação com a cidade, que foi objeto de reflexão desde o início. Clarice Lispector escreveu “Brasília é pra se adivinhar. E cada um que rale cotovelos, joelhos e alma para tentar decifrá-la.” O projeto foi fruto disso: o despertar de um olhar para decifrar minha Brasília, a cidade em que nasci e que morei toda vida e que muitas vezes passa despercebida, por me ser tão cotidiana. Não é um trabalho de exaltação ou crítica à cidade, mas uma tentativa de descoberta. E essa descoberta, com o ralar de cotovelos, joelhos e alma, me aproximou da cidade, que foi observada e vivida de uma forma diferente.

## BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Laíse Santos. Do Fenômeno Poético à Experiência Urbana: (Por) Uma Poesia De Nicolas Behr. Florianópolis, 2009. Disponível em: <[www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0353-D.pdf](http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0353-D.pdf)> Acesso em 05/07/2013.

BRASÍLIA, CONTRADIÇÕES DE UMA CIDADE NOVA. Direção: Joaquim Pedro de Andrade, 1967. Documentário (23 minutos). Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=3fwJxf6l2Q8](http://www.youtube.com/watch?v=3fwJxf6l2Q8)> Acesso em 05/07/2013.

BRETT, Oscar S. *William Whyte's study on the social effects of Open Spaces and its effect on my spatial study of Seward Park*. Nova Iorque, 2011. Disponível em: <[academicsanonymous.weebly.com/uploads/9/7/1/9/9719473/oscar\\_brett\\_vis.\\_urb\\_william\\_whyte\\_on\\_plazas.pdf](http://academicsanonymous.weebly.com/uploads/9/7/1/9/9719473/oscar_brett_vis._urb_william_whyte_on_plazas.pdf)> Acesso em 05/07/2013.

BROADBENT, G. *Emerging Concepts in Urban Space Design*. Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 1990.

CAMPIFIORITO, Ítalo. *Brasília Revisitada*. Disponível em: <[www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=101](http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=101)> Acesso em 05/07/2013.

*Candy Chang*. Disponível em <[www.candychang.com](http://www.candychang.com)> Acesso em 05/07/2013.

CANEZ, Anna Paula. SEGAWA, Hugo. *Brasília, Utopia que Lucio Costa Inventou*. Disponível em: <[dspace.uniritter.edu.br/bitstream/handle/123456789/262/Bras%C3%ADlia%20-%20A%20Utopia%20que%20Lucio%20Costa%20Inventou.pdf?sequence=1](http://dspace.uniritter.edu.br/bitstream/handle/123456789/262/Bras%C3%ADlia%20-%20A%20Utopia%20que%20Lucio%20Costa%20Inventou.pdf?sequence=1)> Acesso em 05/07/2013

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

*Carta de Atenas*. Assembléia do CIAM — Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, 1933. Disponível em: <[portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233](http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233)> Acesso em 05/07/2013.

Coletivo Transverso. Disponível em <[www.coletivotransverso.blogspot.com.br](http://www.coletivotransverso.blogspot.com.br)> Acesso em 05/07/2013

COSTA, Lucio. *O urbanista defende a sua cidade*. 1967, p. 301.

COSTA, Lucio. *Plataforma rodoviária*. In: COSTA, Lucio. Registro de uma vivência. 1984, pág. 311.

COSTA, Lúcio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Distrito Federal: NOVACAP, 1957.

FERREIRA, Marcílio M.; GOROVITZ, Matheus. *A invenção da superquadra: o conceito de unidade de vizinhança em Brasília*. Brasília: IPHAN, 2009.

HERMUCHE, W. *Abstrata Concreta Brasilia*. Editora Medialecon, 2003.

HOLANDA, Frederico de. *Brasília: o espaço de exceção*. Editora Universidade de Brasília, 2002.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

*Keri Smith*. Disponível em <[www.kerismith.com](http://www.kerismith.com)> Acesso em 05/07/2013.

LISPECTOR, Clarice. *Brasília: Esplendor*. 1974. Disponível em: <[brasiliapoetica.com.br/brasilia-esplendor-849](http://brasiliapoetica.com.br/brasilia-esplendor-849)> Acesso em 05/07/2013.

LISPECTOR, Clarice. *Nos primeiros começos de Brasília*. 1962 Disponível em: <[www.brasilia-poetica.com.br/nos-primeiros-comecos-de-brasilia](http://www.brasilia-poetica.com.br/nos-primeiros-comecos-de-brasilia)> Acesso em 05/07/2013.

MANZINI, Ezio. *Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008

*Nespoon*. Disponível em <[www.behance.net/NeSpoon](http://www.behance.net/NeSpoon)> Acesso em 05/07/2013.

*Nicolas Behr*. Disponível em <[www.nicolasbehr.com.br](http://www.nicolasbehr.com.br)> Acesso em 05/07/2013.

*Placemaking*. Disponível em <[www.placemakingchicago.com](http://www.placemakingchicago.com)> Acesso em 05/07/2013.

PINTO, Francisco Ricardo Costa. *Um Caso Peculiar de Unidade do Diverso: Um Olhar sobre a Apropriação de Espaços Públicos em Áreas Residenciais do Plano Piloto*. 2011.

*Poro*. Disponível em: <[www.poro.redezero.org](http://www.poro.redezero.org)> Acesso em 05/07/2013.

*Project for Public Spaces*. Disponível em <[www.pps.org](http://www.pps.org)> Acesso em 05/07/2013.

SMITH, Keri. *How to be an explorer of the world: portable life museum*. Penguin Books, 2008.

TENORIO, Gabriela de Souza. "...e Brasília tem centro?" *Cidade, Território e Urbanismo: Heranças e Inovações - ST1* "Transformações e permanências da cidade e do território". V. 10, n. 1, 2008. Disponível em <[www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1191/1166](http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1191/1166)> Acesso em 05/07/2013.

THACKCARA, John. *Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo*. São Paulo. Editora Saraiva: Versar, 2008.

THE SOCIAL LIFE OF SMALL URBAN SPACES. Direção: William H. Whyte, 1988. Documentário (58 minutos). Disponível em: <[vimeo.com/6821934](https://vimeo.com/6821934)> Acesso em 05/07/2013.